

Papa Francisco



Angelus - Regina Caeli *2023*

Editado por 



PAPA FRANCISCO

ANGELUS - REGINA CÆLI 2023

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Angelus - Regina Cæli» do Papa Francisco, inserem-se meditações pronunciadas pelo Santo Padre dirigidas aos fiéis aglomerados na Praça de S. Pedro.

No presente documento recolhem-se essas meditações, com início em 1 de Janeiro de 2023.

Textos obtidos a partir de
<https://www.vatican.va>

SOLENIIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS

56º DIA MUNDIAL DA PAZ

Sábado, 1º de janeiro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e feliz ano!

O início de um novo ano é confiado a Maria Santíssima, que hoje celebramos como Mãe de Deus. Nestas horas invoquemos a sua intercessão em particular para o Papa emérito Bento XVI, que deixou este mundo ontem de manhã. Unamo-nos todos juntos, com um só coração e uma só alma, para dar graças a Deus pelo dom deste servo fiel do Evangelho e da Igreja. Acabámos de ver na televisão, “À Sua Imagem” [programa transmitido pela Rai], toda a atividade e a vida do Papa Bento.

Enquanto ainda contemplamos Maria na gruta onde Jesus nasceu, podemos perguntar-nos: com qual linguagem nos fala a Virgem Santa? Como fala Maria? O que podemos aprender com ela para este ano que se abre? Podemos dizer: “Nossa Senhora, ensina-nos o que devemos fazer neste ano”.

Na verdade, se observarmos a cena que a liturgia de hoje nos apresenta, notamos que Maria não fala. Ela acolhe com admiração o mistério que vive, conserva tudo no seu coração e, sobretudo, preocupa-se pelo Menino, que - diz o Evangelho - estava «deitado na manjedoura» (Lc 2, 16). O verbo “deitar” significa *depor com cuidado*, e diz-nos que a linguagem própria de Maria é a da *maternidade: cuidar ternamente* do Menino. Esta é a grandeza de Maria: enquanto os anjos se regozijam, os pastores apressam-se e todos louvam a Deus em voz alta pelo evento que aconteceu, Maria não fala, não entretém os convidados explicando o que lhe aconteceu, não rouba a cena - nós gostamos muito de roubar a cena! - ao contrário, coloca o Menino no centro, cuidando d’Ele com amor. Uma poetisa escreveu que Maria «soube também ser solenemente muda, [...] pois não queria perder de vista o seu Deus» (A. MERINI, *Corpo d’amore. Un incontro con Gesù*, Milão 2001, 114).

Esta é a linguagem típica da maternidade: *a ternura do cuidado*. De facto, depois de levado no seio durante nove meses o dom de um misterioso prodígio, as mães continuam a pôr no centro de todas as atenções os seus filhos: alimentam-nos, pegam neles ao colo, deitam-nos suavemente no berço. Cuidar: esta é também a linguagem da Mãe de Deus; uma linguagem de mãe: cuidar.

Irmãos e irmãs, como todas as mães, Maria traz a vida no seu ventre e assim fala-nos do nosso futuro. Mas ao mesmo tempo lembra-nos que, se quisermos realmente que o novo ano seja bom, se quisermos *reconstruir esperança*, devemos abandonar as linguagens, os gestos e as escolhas inspirados pelo egoísmo e aprender a linguagem do amor, que consiste em *cuidar*. Cuidar é uma linguagem nova, que vai contra as linguagens do egoísmo. Este é o compromisso: cuidar da nossa vida - cada um de nós deve cuidar da própria vida -; cuidar do nosso tempo, da nossa alma; cuidar da criação e do meio ambiente em que vivemos; e, ainda mais, cuidar do nosso próximo, daqueles que o Senhor colocou ao nosso lado, bem como dos irmãos e das irmãs que estão em necessidade e interpelam a nossa atenção e a nossa compaixão. Olhando para Nossa Senhora com o Menino, enquanto ela cuida do Menino, aprendamos a cuidar dos outros, e também de nós mesmos, cuidando da saúde interior, da vida espiritual, da caridade.

Ao celebrarmos hoje o *Dia Mundial da Paz*, retomemos consciência da responsabilidade que nos foi confiada para construir o futuro: perante as crises pessoais e sociais que vivemos, diante da tragédia da guerra, «somos chamados a enfrentar os desafios do nosso mundo com responsabilidade e compaixão» *Mensagem para o LVI Dia Mundial da Paz*, 5). E podemos fazê-lo se cuidarmos uns dos outros e se, todos juntos, cuidarmos da nossa casa comum.

Imploremos Maria Santíssima, Mãe de Deus, a fim de que nesta época poluída pela desconfiança e indiferença, nos torne capazes de compaixão e cuidado - capazes de ter compaixão e de cuidar - capazes de «comover-se e parar diante do outro, tantas vezes quantas forem necessárias» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 169).

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e boa festa!

Hoje, solenidade da Epifania, o Evangelho fala-nos dos Magos que, tendo chegado a Belém, abrem os seus cofres e oferecem a Jesus ouro, incenso e mirra (cf. *Mt 2, 11*). Estes sábios do Oriente são famosos pelos dons que ofereceram; mas pensando na sua história, poderíamos dizer que eles, antes de mais, receberam três dádivas: eles receberam três prendas, três dons preciosos que também nos dizem respeito. Ofeceram ouro, incenso e mirra, mas quais são os três dons que receberam?

O primeiro dom é o da *chamada*. Os Magos não a sentiram porque leram as Escrituras ou tiveram uma visão de anjos, mas sentiram-na enquanto estudavam os astros. Isto diz-nos algo importante: Deus chama-nos através das nossas aspirações e dos nossos maiores desejos. Os Magos deixaram-se surpreender e incomodar pela novidade da estrela e puseram-se a caminho em direção ao que não conheciam. Cultos e sábios, ficaram fascinados mais pelo que não sabiam do que pelo que já sabiam: abriram-se ao que não conheciam. Sentiram-se chamados a ir além, não se sentiam felizes ficando onde estavam, mas ouvindo a chamada a ir além. E isto também é importante para nós: somos chamados a não nos contentar, a procurar o Senhor saindo das nossas zonas de conforto, caminhando para Ele com os outros, mergulhando-nos na realidade. Porque Deus chama todos os dias, aqui e hoje. Deus chama-nos, chama cada um de nós, todos os dias, chama-nos aqui e chama-nos hoje, no nosso mundo.

Mas os Magos falam-nos depois de um segundo dom: o *discernimento*. Dado que procuram um rei, vão a Jerusalém para falar com o rei Herodes, que, no entanto, é um homem sedento de poder e quer usá-los para eliminar o Messias menino. Mas os Magos não se deixam enganar por Herodes. Eles sabem distinguir entre a meta do percurso e as tentações que encontram no caminho. Podiam ficar ali, na corte de Herodes, tranquilos: não, eles vão em frente. Deixam o palácio de Herodes e, atentos ao sinal de Deus, não passarão mais por ali, mas voltarão por outra estrada (cf. v. 12). Como é

importante, irmãos e irmãs, saber distinguir a meta da vida das tentações do caminho! A meta da vida é uma coisa, as tentações do caminho são outra. Saber renunciar ao que seduz, mas que conduz a um mau caminho, a fim de compreender e escolher os caminhos de Deus! O discernimento é um grande dom, e não nos devemos cansar de o pedir na oração. Peçamos esta graça! Senhor, concedei-nos a capacidade de discernir o bem do mal, o melhor do que não é melhor.

Por fim, os Magos falam-nos de um terceiro dom: *a surpresa*. Depois de uma longa viagem, o que encontram estes homens de alta posição social? Um bebé com a mãe (cf. v. 11): uma cena certamente terna, mas não surpreendente! Não veem os anjos como os pastores, mas encontram Deus na pobreza. Talvez estivessem à espera de um Messias poderoso e prodigioso, e encontram um menino. No entanto, não se consideram enganados, sabem reconhecê-lo. Acolhem a surpresa de Deus e vivem o encontro com Ele em admiração, adorando-o: na pequenez reconhecem o rosto de Deus. Humanamente, estamos todos inclinados a procurar a grandeza, mas é um dom saber encontrá-la verdadeiramente: saber encontrar a grandeza na pequenez que Deus tanto ama. Porque é assim que o Senhor é encontrado: na humildade, no silêncio, na adoração, nos pequeninos, nos pobres.

Irmãos e irmãs, todos *somos chamados* - primeiro dom, a chamada - por Jesus; todos podemos *discernir* - segundo dom, o discernimento -, discernir a sua presença; todos podemos experimentar as suas *surpresas* - terceiro dom, a surpresa. Hoje seria bom recordar estes dons: a chamada, o discernimento e a surpresa, dons que já recebemos: lembrar quando ouvimos uma chamada de Deus na vida; ou quando, talvez depois de muito esforço, fomos capazes de discernir a sua voz; ou ainda, uma surpresa inesquecível que Ele nos deu, surpreendendo-nos. Que Nossa Senhora nos ajude a recordar e conservar os dons recebidos.

FESTA DO BATISMO DO SENHOR

Domingo, 8 de janeiro de 2023

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos a Festa do Batismo do Senhor e o Evangelho apresenta-nos uma cena admirável: é a primeira vez que Jesus aparece em público depois da sua vida escondida em Nazaré; chega à margem do rio Jordão para ser batizado por João (Mt 3, 13-17). Era um rito mediante o qual as pessoas se arrependiam e se comprometiam a converter-se; um hino litúrgico diz que o povo ia receber o batismo com “a alma e os pés nus” - uma alma aberta, nua, sem cobrir nada - ou seja, com humildade e com coração transparente. Mas, ao vermos Jesus misturado com os pecadores, ficamos admirados e perguntamo-nos: por que fez Jesus esta escolha? Ele, que é o Santo de Deus, o Filho de Deus sem pecado, por que fez esta escolha? Encontramos a resposta nas palavras de Jesus a João: «Deixa por agora; convém que cumpramos assim toda a justiça» (v. 15). *Cumprir toda a justiça*: o que significa?

Ao ser batizado, Jesus revela-nos a justiça de Deus, aquela justiça que Ele veio trazer ao mundo. Temos tão frequentemente uma ideia estreita de justiça e pensamos que signifique: quem erra paga e assim satisfaz o mal que cometeu. Mas a justiça de Deus, como a Escritura ensina, é muito maior: não tem como fim a condenação do culpado, mas a sua salvação, o seu renascimento, tornando-o justo: de iníquo a justo. É uma justiça que vem do amor, daquelas entranhas de compaixão e misericórdia que são o próprio coração de Deus, o Pai que se comove quando somos oprimidos pelo mal e caímos sob o peso do pecado e da fragilidade. Por conseguinte, a justiça de Deus não quer distribuir penas e castigos mas como afirma o Apóstolo Paulo, consiste em tornar justos os seus filhos, nós (cf. Rm 3, 22-31), libertando-nos dos vínculos do mal, curando-nos, elevando-nos. O Senhor não está sempre pronto para nos castigar, ele está com a mão estendida para nos ajudar a levantar. E assim entendemos que, nas margens do Jordão, Jesus nos revela o sentido da sua missão: Ele veio para cumprir a justiça divina, que é salvar os pecadores; veio para assumir sobre os próprios ombros o pecado do mundo e descer às águas do abismo, da morte, para nos salvar e não nos afogar. Ele mostra-nos hoje que a verdadeira justiça de Deus é a misericórdia que salva. Temos medo de pensar que Deus é misericórdia, mas Deus é misericórdia, porque a sua justiça é precisamente a misericórdia que salva, é o amor que partilha a nossa

condição humana, torna-se próximo, solidário com a nossa dor, entrando na nossa escuridão para trazer luz.

Bento XVI afirmou que «Deus quis salvar-nos indo ele mesmo até ao fundo do abismo da morte, porque cada homem, mesmo quem caiu tão em baixo que já não vê o céu, possa encontrar a mão de Deus à qual se agarrar e subir das trevas para ver de novo a luz para a qual ele é feito» (*Homilia*, 13 de janeiro de 2008).

Irmãos e irmãs, temos medo de pensar em tal justiça misericordiosa. Vamos em frente: Deus é misericórdia. A sua justiça é misericordiosa. Deixemos que Ele nos leve pela mão. Também nós, discípulos de Jesus, somos chamados a exercer a justiça deste modo, nas relações com os outros, na Igreja, na sociedade: não com a dureza de quantos julgam e condenam dividindo as pessoas em boas e más, mas com a misericórdia daqueles que acolhem partilhando as feridas e fragilidades das irmãs e dos irmãos, a fim de os erguer. Gostaria de o dizer desta forma: *não dividindo, mas partilhando*. Não dividir, mas partilhar. Façamos como Jesus: partilhemos, carreguemos os fardos uns dos outros em vez de tagarelar e destruir, olhemos uns para os outros com compaixão, ajudemo-nos reciprocamente. Perguntemo-nos: sou uma pessoa que partilha ou divide? Pensemos um pouco: sou um discípulo do amor de Jesus ou um discípulo de tagarelice, que divide? A tagarelice é uma arma letal: mata, mata o amor, mata a sociedade, mata a fraternidade. Perguntemo-nos: sou uma pessoa que divide ou uma pessoa que partilha?

E agora rezemos a Nossa Senhora, que deu à luz Jesus, mergulhando-o na nossa fragilidade para que tivéssemos de novo a vida.

Domingo, 15 de janeiro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho da liturgia de hoje (cf. *Jo* 1, 29-34) relata o testemunho de João Batista sobre Jesus, depois de o ter batizado no rio Jordão. Lê-se

assim: «Este é aquele de quem eu disse: Depois de mim virá alguém que passou à minha frente, porque era antes de mim» (vv. 29-30).

Esta declaração, este testemunho, revela o *espírito de serviço* de João. Ele tinha sido enviado para preparar o caminho ao Messias e tinha-o feito sem se poupar. Humanamente falando, poder-se-ia pensar que lhe seria reconhecido um “prémio”, um lugar relevante na vida pública de Jesus. Mas não. João, tendo cumprido a sua missão, sabe afastar-se, retira-se de cena para dar lugar a Jesus. Ele viu o Espírito descer sobre Ele (cf. vv. 33-34), indicou-o como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e agora ele, por sua vez, põe-se em humilde escuta. De profeta torna-se discípulo. Ele pregou ao povo, reuniu discípulos e formou-os durante muito tempo. No entanto, não vincula ninguém a si. E isto é difícil, mas é o sinal do verdadeiro educador: não ligar as pessoas a si mesmo. João faz isto: coloca os seus discípulos nas pegadas de Jesus. Ele não está interessado em ter um séquito para si, em obter prestígio e sucesso, mas dá testemunho e depois faz um passo atrás, para que muitos possam ter a alegria de encontrar Jesus. Podemos dizer: ele abre a porta e sai.

Com este espírito de serviço, com a sua capacidade de dar lugar a Jesus, João Batista ensina-nos algo importante: *a libertação dos apegos*. Sim, porque é fácil apegar-se a papéis e posições, à necessidade de ser estimado, reconhecido e recompensado. E isto, embora seja natural, não é uma coisa boa, *porque o serviço requer gratuidade*, cuidar dos outros sem benefício para si mesmo, sem segundas intenções, sem esperar retribuição. Também a nós fará bem cultivar, como João, a virtude de nos afastarmos no momento apropriado, testemunhando que o ponto de referência na vida é Jesus. Pôr-se de lado, aprender a despedir-se: cumpra esta missão, este encontro, afasto-me e deixo espaço ao Senhor. Aprender a afastar-se, a não pretender algo como uma retribuição para nós.

Pensem em como isto é importante para um sacerdote, que é chamado a pregar e a celebrar, não por protagonismo ou interesse, mas para acompanhar os outros a Jesus. Pensem como isto é importante para os pais, que criam os filhos com tantos sacrifícios, mas depois têm de os deixar livres para seguirem o próprio caminho no trabalho, no matrimónio, na vida. É bom e correto que os pais continuem a assegurar a sua presença,

dizendo aos seus filhos: “Não vos deixaremos sozinhos”, mas discretamente, sem intrusões. A liberdade de crescer. E o mesmo se aplica a outros âmbitos, como a amizade, a vida de casal, a vida comunitária. Libertar-se dos apegos do próprio ego e saber afastar-se custa, mas é muito importante: é o passo decisivo para crescer no espírito de serviço, sem procurar retribuição.

Irmãos, irmãs, procuremos perguntar-nos: somos capazes de deixar espaço aos outros? De os ouvir, de os deixar livres, de não os ligar a nós pretendendo reconhecimentos? Inclusive de os deixar falar, às vezes. Não dizer: “Mas não sabes nada!”. Deixar falar, dar espaço aos outros. Atraímos os outros para Jesus ou para nós mesmos? E ainda, seguindo o exemplo de João: sabemos como nos regozijar que as pessoas empreendam o próprio caminho e sigam a sua chamada, mesmo que isso signifique um pouco de desapego de nós? Regozijamo-nos com as suas realizações, com sinceridade e sem inveja? Isto significa deixar que os outros cresçam.

Que Maria, a serva do Senhor, nos ajude a libertar-nos dos apegos, a dar espaço ao Senhor e aos demais.

Domingo, 22 de janeiro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho da Liturgia (Mt 4, 12-23) narra a chamada dos primeiros discípulos que, no lago da Galileia, *deixam tudo para seguir Jesus*. Alguns deles já O tinham conhecido, graças a João Batista, e Deus tinha posto neles a semente da fé (cf. Jo 1, 35-39). E eis que agora Jesus volta para os procurar onde vivem e trabalham. O Senhor procura-nos sempre; o Senhor aproxima-se sempre de nós, sempre. E desta vez dirige-lhes uma chamada direta: «Vinde!» (Mt 4, 19). E eles «imediatamente deixaram as redes e seguiram-no» (v. 20). Reflitamos sobre esta cena: é o momento do encontro decisivo com Jesus, aquele que recordarão para o resto da vida e que entra no Evangelho. A partir daí, seguem Jesus e, para o seguir, deixam.

Deixar para seguir. Com Jesus é sempre assim. Pode-se começar de alguma forma a sentir o seu fascínio, talvez graças a outros. Depois o conhecimento pode tornar-se mais pessoal e acender uma luz no coração. Torna-se algo belo para partilhar: “Sabes, aquela passagem do Evangelho comoveu-me, aquela experiência de serviço tocou-me”. Algo que toca o coração. E assim devem ter feito também os primeiros discípulos (cf. *Jo* 1, 40-42). Contudo mais cedo ou mais tarde chega o momento no qual é *necessário deixar para o seguir* (cf. *Lc* 11, 27-28). E há que tomar uma decisão: deixo algumas certezas e parto para uma nova aventura, ou permaneço como sou? É um momento decisivo para cada cristão, porque nisto está em questão o sentido de todo o resto. Se não encontrarmos a coragem de nos pôrmos a caminho, há o risco de permanecermos espectadores da própria existência e de viver a fé sem convicção.

Por conseguinte, estar com Jesus requer a coragem de deixar, de se pôr a caminho. O que devemos deixar? Certamente os nossos vícios, os nossos pecados, que são como âncoras que nos bloqueiam na margem e impedem de nos fazermos ao largo. Para começar a deixar, é justo que comecemos por pedir perdão: perdão pelas coisas que não eram boas: deixo aquilo e vou em frente. Mas também devemos deixar para trás o que nos impede de viver plenamente, por exemplo, medos, cálculos egoístas, garantias de permanecer em segurança vivendo sem arriscar. E também se deve renunciar ao tempo que se perde em tantas coisas inúteis. Como é belo deixar tudo isto para trás para experimentar, por exemplo, o risco fadigoso, mas gratificante do serviço, ou dedicar tempo à oração, de modo a crescer em amizade com o Senhor. Penso também numa jovem família, que deixa a vida tranquila para se abrir à imprevisível e bela aventura da maternidade e da paternidade. É um sacrifício, mas basta olhar para as crianças para compreender que foi correto deixar certos ritmos e confortos, para ter esta alegria. Penso em certas profissões, por exemplo um médico ou um agente da saúde que renunciou a tanto tempo livre para estudar e preparar-se, e agora fazem o bem dedicando muitas horas do dia e da noite, muita energia física e mental aos doentes. Penso nos trabalhadores que deixam as comodidades, que abandonam o não fazer nada a fim de levar o pão para casa. Em suma, para realizar a vida, é preciso aceitar o desafio de deixar. A isto convida Jesus cada um de nós.

E sobre isto deixo-vos algumas perguntas. Antes de tudo: lembro-me de algum “momento forte” no qual me encontrei com Jesus? Cada um de nós pense na própria história: na minha vida houve algum momento forte em que me encontrei com Jesus? E houve algo belo e significativo que aconteceu na minha vida por ter deixado para trás outras coisas menos importantes? E hoje, há alguma coisa a que Jesus me pede para renunciar? Quais são as coisas materiais, os modos de pensar, os hábitos que preciso deixar para lhe dizer deveras “sim”? Ajude-nos Maria a dizer, como ela, um sim pleno a Deus, a saber deixar algo para trás a fim de o seguir melhor. Não tenhais medo de deixar se for para seguir Jesus, sempre nos sentiremos melhor e seremos melhores.

Domingo, 29 de janeiro de 2023

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Na liturgia de hoje são proclamadas as bem-aventuranças segundo o Evangelho de Mateus (cf. 5, 1-12). A primeira é fundamental e diz: «Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o reino dos céus» (v. 3).

Quem são os “pobres em espírito”? São aqueles que sabem que não bastam a si mesmos, que não são autossuficientes, e vivem como “mendigos de Deus”: sentem necessidade de Deus e reconhecem que o bem vem d’Ele, como dom, como graça. Quem é pobre em espírito, guarda o que recebe; por isso deseja que *nenhum dom seja desperdiçado*. Hoje gostaria de me concentrar neste aspeto típico dos pobres em espírito: *não desperdiçar*. Os pobres em espírito procuram não desperdiçar nada. Jesus mostra-nos a importância de não desperdiçar, por exemplo após a multiplicação dos pães e dos peixes, quando pede para recolher a comida que sobeja para que nada se perca (cf. *Jo* 6, 12). Não desperdiçar permite-nos apreciar o valor de nós mesmos, das pessoas e das coisas. Infelizmente, contudo, este princípio é frequentemente ignorado, especialmente nas sociedades mais abastadas, onde dominam as culturas do desperdício e do descarte: ambas são uma peste. Gostaria, portanto, de propor três desafios contra a mentalidade do desperdício e do descarte.

Primeiro desafio: *não desperdiçar o dom que nós somos*. Cada um de nós é um bem, independentemente dos dotes que temos. Cada mulher, cada homem é rico não só de talentos, mas também de dignidade, é amado por Deus, vale, é precioso. Jesus lembra-nos que somos abençoados não pelo que temos, mas pelo que somos. E quando uma pessoa desanima e se dissipa, desperdiça-se a si própria. Lutemos, com a ajuda de Deus, contra a tentação de nos considerarmos inadequados, errados, e de nos lamentarmos.

Depois, o segundo desafio: *não desperdiçar os dons que temos*. Resulta que todos os anos no mundo cerca de um terço da produção total de alimentos é desperdiçada. E isto acontece enquanto tantos estão a morrer de fome! Os recursos da criação não podem ser utilizados dessa forma; os bens devem ser guardados e partilhados, para que a ninguém falte o necessário. Não desperdicemos o que temos, mas difundamos uma ecologia de justiça e caridade, de partilha.

Por fim, o terceiro desafio: *não descartar as pessoas*. A cultura do descarte diz: uso-te enquanto me serves; quando já não me interessas ou és um obstáculo para mim, ponho-te de lado. E é especialmente assim que são tratados os mais frágeis: os nascituros, os idosos, os necessitados e os desfavorecidos. Mas as pessoas não podem ser deitadas fora, os desfavorecidos não podem ser deitados fora! Cada um é um dom sagrado, cada um é um dom único, em todas as idades e em todas as condições. Respeitemos e promovamos a vida sempre! Não descartemos a vida!

Estimados irmãos e irmãs, façamo-nos algumas perguntas. Antes de mais, como vivo a pobreza de espírito? Dou espaço a Deus, acredito que Ele é o meu bem, a minha verdadeira e grande riqueza? Acredito que Ele me ama, ou desanimo com tristeza, esquecendo que sou um dom? E depois: tenho o cuidado de não desperdiçar, sou responsável na utilização das coisas, dos bens? E estou disposto a partilhá-los com os outros, ou sou egoísta? Por fim: considero os mais frágeis como dons preciosos, dos quais Deus me pede para cuidar? Lembro-me dos pobres, daqueles que não têm o necessário?

Ajude-nos Maria, Mulher das Bem-aventuranças, a testemunhar a alegria de que a vida é um dom e a beleza de fazer de nós uma dádiva.

Domingo, 12 de fevereiro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho da liturgia de hoje Jesus diz: «Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas: não vim revogá-la, mas completá-la» (Mt 5, 17). *Completar*: esta é uma palavra-chave para compreender Jesus e a sua mensagem. Mas o que significa “completar”? Para o explicar, o Senhor começa por dizer o que não é completar. A Escritura diz “não matarás”, mas para Jesus isto não é suficiente se depois alguém ferir os irmãos com palavras; a Escritura diz “não cometerás adultério”, mas isto não é suficiente se alguém viver um amor manchado pela duplicidade e falsidade; a Escritura diz “não darás falso testemunho”, mas não é suficiente fazer um juramento solene se alguém agir com hipocrisia (cf. Mt 5, 21-37). Assim, não é completar.

Para nos dar um exemplo concreto, Jesus concentra-se no “rito do ofertório”. Ao fazer uma oferenda a Deus, retribui-se a gratuidade dos seus dons. Era um rito muito importante - fazer uma oferta para retribuir simbolicamente, digamos, a gratuidade dos seus dons - tão importante que era proibido interrompê-lo exceto por motivos graves. Mas Jesus afirma que é preciso interrompê-lo se um irmão tiver algo contra nós, para ir primeiro reconciliar-se com ele (cf. vv. 23-24): só então *se completa o rito*. A mensagem é clara: Deus ama-nos primeiro, gratuitamente, dando o primeiro passo na nossa direção sem que o mereçamos; e depois não podemos celebrar o seu amor sem, por nossa vez, dar o primeiro passo para nos reconciliarmos com aqueles que nos feriram. Assim, há o completamento aos olhos de Deus, caso contrário a observância externa, puramente ritual, é inútil, torna-se uma farsa. Por outras palavras, Jesus faz-nos compreender que as normas religiosas são úteis, são boas, mas são apenas o início: para as completar, é necessário ir além da letra e viver o seu significado. Os mandamentos que Deus nos deu não devem ser encerrados nos cofres asfixiados da observância formal, caso contrário, permanecemos numa religiosidade externa e desapegada, servos de um “deus-patrão” e não filhos

de Deus Pai. Jesus quer isto: não ter a ideia de servir um Deus patrão, mas o Pai; e para isso é necessário ir além da letra.

Irmãos e irmãs, este problema não existia apenas no tempo de Jesus, existe também hoje. Às vezes, por exemplo, ouvimos: “Padre, eu não matei, não roubei, não fiz mal a ninguém...”, como se dissesse: “Estou bem”. Eis a observância formal, que se contenta com o *mínimo indispensável*, enquanto Jesus nos convida ao *máximo possível*. Isto é, Deus não raciocina por cálculos nem tabelas; Ele ama-nos como um apaixonado: não ao mínimo, mas ao máximo! Não nos diz: “Amo-te até a um certo ponto”. Não, o amor verdadeiro nunca chega a um certo ponto e nunca se sente perfeito; o amor vai sempre mais além, não pode fazer diferentemente. O Senhor mostrou-nos isto ao dar a vida na cruz e perdoadando os seus assassinos (cf. *Lc 23, 34*). E confiou-nos o mandamento que lhe é mais querido: que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou (cf. *Jo 15, 12*). Este é o amor que completa a Lei, a fé, a vida verdadeira!

Então, irmãos e irmãs, podemos perguntar-nos: como vivo a fé? É uma questão de cálculos, de formalismos, ou é uma história de amor com Deus? Contento-me apenas em não fazer mal, em manter “a fachada”, ou procuro crescer no amor a Deus e ao próximo? E, de vez em quando, verifico-me sobre o grande mandamento de Jesus, pergunto a mim mesmo se amo o meu próximo como Ele me ama? Pois talvez sejamos inflexíveis no julgamento dos outros e nos esqueçamos de ser misericordiosos, como é Deus para conosco.

Que Maria, a qual observou perfeitamente a Palavra de Deus, nos ajude a cumprir a nossa fé e a nossa caridade.

Domingo, 19 de fevereiro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

As palavras que Jesus nos dirige no Evangelho deste domingo são exigentes e parecem paradoxais: Ele convida-nos a dar a outra face e a amar

até os inimigos (cf. *Mt* 5, 38-48). É normal para nós amarmos aqueles que nos amam e sermos amigos daqueles que são nossos amigos; no entanto, Jesus provoca-nos dizendo: se agirdes desta forma, «o que fazeis de extraordinário?» (v. 47). *O que fazeis de extraordinário?* Eis o ponto para o qual gostaria de chamar a vossa atenção hoje, para este *o que fazeis de extraordinário*.

“Extraordinário” é aquilo que ultrapassa os limites do habitual, que excede as práticas habituais e os cálculos normais ditados pela prudência. Geralmente, procuramos ter tudo em ordem e sob controlo, para que corresponda às nossas expectativas, à nossa medida: temendo não termos reciprocidade ou de nos expormos demasiado e depois ficar dececionados, preferimos amar apenas aqueles que nos amam para evitar desilusões, fazer bem apenas àqueles que são bons para conosco, ser generosos apenas com aqueles que podem retribuir o favor; e àqueles que nos tratam mal respondemos com a mesma moeda, para estarmos em equilíbrio. Mas o Senhor admoesta-nos: isto não é suficiente! Diríamos: isto não é cristão! Se permanecermos no normal, no equilíbrio entre dar e receber, as coisas não mudam. Se Deus seguisse esta lógica, não teríamos esperança alguma de salvação! Mas, felizmente para nós, o amor de Deus é sempre “extraordinário”, ou seja, vai além, vai além dos critérios habituais com os quais nós, humanos, vivemos as nossas relações.

Por conseguinte, as palavras de Jesus desafiam-nos. Enquanto procuramos permanecer no ordinário do raciocínio utilitarista, Ele pede-nos que nos abramos ao extraordinário, ao extraordinário de um amor gratuito; enquanto nós tentamos acertar as contas, Cristo encoraja-nos a viver o *desequilíbrio do amor*. Jesus não é um bom contabilista: não! Ele conduz sempre ao *desequilíbrio do amor*. Não nos surpreendamos com isto. Se Deus não se tivesse desequilibrado, nunca teríamos sido salvos: foi o *desequilíbrio da cruz* que nos salvou! Jesus não teria vindo à nossa procura quando estávamos perdidos e distantes, não nos teria amado até ao fim, não teria abraçado a cruz por nós, que não merecíamos tudo isto e nada lhe podíamos dar em troca. Como escreve o apóstolo Paulo, «difícilmente alguém morrerá por um justo: por um homem bom, talvez alguém resolva morrer. Deus, porém, demonstra o seu amor para conosco, pelo facto de Cristo haver morrido por nós, quando ainda éramos pecadores» (*Rm* 5, 7-8).

Então, Deus ama-nos enquanto somos pecadores, não porque somos bons ou capazes de lhe dar algo em troca. Irmãos e irmãs, o amor de Deus é um amor sempre em excesso, sempre para além do cálculo, sempre desproporcionado. E hoje Ele pede também a nós que vivamos desta forma, porque só desta maneira o testemunharemos verdadeiramente.

Irmãos e irmãs, o Senhor propõe-nos sair da lógica do interesse próprio e não medir o amor nas escalas dos cálculos e da conveniência. Ele convida-nos a não responder ao mal com o mal, a ousar no bem, a arriscar na doação, mesmo que recebamos pouco ou nada em troca. Pois é este amor que lentamente transforma conflitos, encurta distâncias, supera inimizades e cura as feridas do ódio. Então podemos perguntar-nos, cada um de nós: será que eu, na minha vida, sigo a lógica do retorno ou a da gratuidade, como Deus? O amor extraordinário de Cristo não é fácil, mas é possível; é possível porque Ele mesmo nos ajuda, dando-nos o seu Espírito, o seu amor sem medida.

Oremos a Nossa Senhora que, respondendo a Deus o seu “sim” sem cálculos, permitiu que fizesse dela a obra-prima da sua Graça.

Domingo, 26 de fevereiro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste primeiro Domingo da Quaresma apresenta-nos Jesus no deserto tentado pelo diabo (cf. *Mt* 4, 1-11). Diabo significa “divisor”. O diabo quer sempre criar divisão, e é isto que procura fazer também tentando Jesus. Vejamos então *de quem* o quer dividir e *de que modo* o tenta.

De quem o diabo quer dividir Jesus? Depois de ter recebido o Batismo por João no Jordão, Jesus foi chamado pelo Pai «meu Filho muito amado» (*Mt* 3, 17) e o Espírito Santo desceu sobre Ele sob forma de pomba (cf. v. 16). Assim, o Evangelho apresenta-nos as três Pessoas divinas unidas no amor. Depois, o próprio Jesus dirá que veio ao mundo para nos tornar também participantes da unidade entre Ele e o Pai (cf. *Jo* 17, 11). Por outro

lado, o diabo faz o contrário: entra em cena para dividir Jesus do Pai e desviar da sua missão de unidade para nós. Divide sempre.

Vejam agora *de que modo* tenta fazê-lo. O diabo quer aproveitar da condição humana de Jesus, que é frágil porque jejuou durante quarenta dias e tem fome (cf. *Mt* 4, 2). Então, o maligno procura incutir-lhe três poderosos “venenos” para paralisar a sua missão de unidade. Estes venenos são o *apego*, a *desconfiança* e o *poder*. Antes de mais, o veneno do *apego* às coisas, às necessidades; com raciocínio persuasivo, o diabo tenta suggestionar Jesus: “Tens fome, porque deves jejuar? Ouve a tua necessidade, satisfá-lo, tens o direito e o poder: transforma as pedras em pão”. Depois o segundo veneno, a *desconfiança*: “Tens a certeza - insinua o maligno - de que o Pai quer o teu bem? Põe-no à prova, chantageia-o! Atira-te do ponto mais alto do templo e obriga-o a fazer o que tu queres”. Enfim o *poder*: “Do teu Pai, não tens necessidade! Por que esperar pelos seus dons? Segue os critérios do mundo, faz tudo sozinho e serás poderoso!”. As três tentações de Jesus. E também nós vivemos estas três tentações, sempre. É terrível, mas é assim, também para nós: apego às coisas, desconfiança e sede de poder são três tentações generalizadas e perigosas, que o diabo usa para nos dividir do Pai e já não nos faz sentir como irmãos e irmãs entre nós, para nos conduzir à solidão e ao desespero. Era o que queria fazer a Jesus e quer fazer a nós: levar-nos ao desespero.

Mas Jesus vence as tentações. E como as vence? Evitando discutir com o diabo e respondendo com a Palavra de Deus. Isto é importante: com o diabo não se discute, com o diabo não se dialoga! Jesus enfrenta-o com a Palavra de Deus. Ele cita três frases da Escritura que falam de liberdade das coisas (cf. *Dt* 8, 3), de confiança (cf. *Dt* 6, 16), e de serviço a Deus (cf. *Dt* 6, 13), três frases opostas às tentações. Nunca dialoga com o diabo, não negocia com ele, mas rejeita as suas insinuações com as palavras benéficas da Escritura. É um convite também para nós: com o diabo não se discute! Não se negocia, não se dialoga; não o derrotamos negociando com ele, é mais forte do que nós. Derrotamos o diabo, opondo-lhe com fé a Palavra divina. Desta forma, Jesus ensina-nos a defender a unidade com Deus e entre nós dos ataques do divisor. A Palavra divina é a resposta de Jesus à tentação do diabo.

Perguntemo-nos: que lugar tem a Palavra de Deus na minha vida? Será que recorro a ela nas minhas lutas espirituais? Se tenho um vício ou uma tentação frequente, por que, ao procurar ajuda, não procuro um versículo da Palavra de Deus que responda a esse vício? Depois, quando tenho a tentação, recito-o, rezo-o, confiando na graça de Cristo. Experimentemos fazer isto, ajudar-nos-á nas tentações, ajudar-nos-á muito, pois, entre as vozes que se agitam dentro de nós, ressoará aquela benéfica da Palavra de Deus. Maria, que aceitou a Palavra de Deus e pela sua humildade venceu a soberba do divisor, nos acompanhe na luta espiritual da Quaresma.

Domingo, 5 de março de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste segundo domingo de Quaresma, é proclamado o Evangelho da *Transfiguração*: Jesus leva consigo a um monte Pedro, Tiago e João e revela-se a eles em toda a sua beleza de Filho de Deus (cf. *Mt 17, 1-9*).

Reflitamos um momento sobre esta cena e perguntemo-nos: em que consiste esta beleza? O que veem os discípulos? Um efeito espetacular? Não, não é assim. Eles veem a luz da santidade de Deus a brilhar no rosto e nas vestes de Jesus, imagem perfeita do Pai. Revela-se a majestade de Deus, a beleza de Deus. Mas Deus é Amor e, por conseguinte, os discípulos viram com os próprios olhos *a beleza e o esplendor do Amor divino encarnado em Cristo*. Tiveram uma antecipação do paraíso! Que surpresa para os discípulos! Tiveram diante dos olhos por muito tempo a face do Amor, e nunca se tinham apercebido de como era belo! Só agora se deram conta e com tanta alegria, com imensa alegria.

Jesus, na realidade, com esta experiência está a formá-los, está a prepará-los para um passo ainda mais importante. De facto, em breve terão de saber reconhecer n'Ele a mesma beleza, quando Ele subir à cruz e o seu rosto estiver *desfigurado*. Pedro tem dificuldade de compreender: ele gostaria de parar o tempo, colocar a cena em “pausa”, ficar ali e prolongar esta maravilhosa experiência; mas Jesus não o permite. A sua luz, de facto,

não pode ser reduzida a um “momento mágico”! Desta maneira, tornar-se-ia algo falso, artificial, que se dissolve no nevoeiro de sentimentos passageiros. Pelo contrário, Cristo é a luz que guia o caminho, como a coluna de fogo para as pessoas no deserto (cf. Êx 13, 21). A beleza de Jesus não *aliena* os discípulos da realidade da vida, mas dá-lhes a força para *O seguirem* até Jerusalém, até à cruz. A beleza de Cristo não é alienante, levante sempre em frente, não te faz esconder: vai em frente!

Irmãos e irmãs, este Evangelho traça um caminho também para nós: ensina-nos como é importante estar com Jesus, até quando não é fácil compreender tudo o que Ele diz e faz por nós. Com efeito, é estando com ele que aprendemos a reconhecer no seu rosto a beleza radiante do amor que se doa, inclusive quando traz os sinais da cruz. E é na sua escola que aprendemos a captar a mesma beleza no rosto das pessoas que caminham ao nosso lado todos os dias: os familiares, os amigos, os colegas, aqueles que, das mais variadas formas, cuidam de nós. Quantos rostos luminosos, quantos sorrisos, quantas rugas, quantas lágrimas e cicatrizes falam de amor à nossa volta! Aprendamos a reconhecê-los e a encher os nossos corações com eles. E depois partamos, para levar também aos outros a luz que recebemos, com as obras concretas do amor (cf. 1 Jo 3, 18), mergulhando com mais generosidade nas ocupações diárias, amando, servindo e perdoadando com mais entusiasmo e disponibilidade. A contemplação das maravilhas de Deus, a contemplação da face de Deus, o rosto do Senhor, deve conduzir-nos ao serviço dos outros.

Podemos perguntar-nos: será que reconhecemos a luz do amor de Deus na nossa vida? Será que a reconhecemos com alegria e gratidão nos rostos das pessoas que nos amam? Procuramos à nossa volta sinais desta luz, que enche o nosso coração e o abre ao amor e ao serviço? Ou será que preferimos os fogos de palha dos ídolos, que nos alienam e nos fecham em nós mesmos? A grande luz do Senhor e a falsa e artificial luz dos ídolos. Qual prefiro?

Que Maria, que preservou no coração a luz do seu Filho, até na escuridão do Calvário, nos acompanhe sempre no caminho do amor.

Domingo, 12 de março de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia, bom domingo!

O Evangelho deste domingo apresenta-nos um dos encontros mais bonitos e fascinantes de Jesus, aquele com a samaritana (cf. *Jo* 4, 5-42). Jesus e os discípulos param perto de um poço em Samaria. Chega uma mulher e Jesus diz-lhe: «Dá-me de beber» (v. 8). Gostaria de refletir precisamente sobre esta expressão: *dá-me de beber*.

A cena mostra-nos Jesus sedento e cansado, que se faz encontrar no poço pela samaritana na hora mais quente, ao meio-dia, e como um mendigo pede refrigério. É uma imagem do abaixamento de Deus: Deus abaixa-se em Jesus Cristo para a redenção, vem até nós. Em Jesus, Deus fez-se um de nós, humilhou-se; sedento como nós, sofre o mesmo calor que nós. Contemplando esta cena, cada um de nós pode dizer: o Senhor, o Mestre, «pede-me de beber. Por conseguinte, tem sede como eu. Ele tem a minha sede. Deveras, estás próximo de mim, Senhor! Estás ligado à minha pobreza - não posso acreditar! – elevaste-me de baixo, do mais baixo de mim, onde ninguém chega» (P. MAZZOLARI, *La Samaritana*, Bolonha 2022, 55-56). E vieste até mim, de baixo, aproximaste-te de mim, porque tinhas, e tens, sede de mim. De facto, a sede de Jesus não é apenas física, exprime o calor mais profundo da nossa vida: é sobretudo sede do nosso amor. Ele é mais do que um mendigo, ele tem sede do nosso amor. E emergirá no momento culminante da paixão, na cruz; ali, antes de morrer, Jesus dirá: «Tenho sede» (*Jo* 19, 28). Aquela sede de amor que o levou a descer, a abaixar-se, a ser um de nós.

Mas o Senhor, que pede de beber, é Aquele que dá de beber: encontrando a samaritana, fala-lhe da água viva do Espírito Santo, e na cruz, do seu lado trespassado, efunde sangue e água (cf. *Jo* 19, 34). Jesus, sedento de amor, sacia a nossa sede de amor. E faz connosco como fez com a samaritana: vem ter connosco na nossa vida diária, partilha a nossa sede, promete-nos a água viva que faz jorrar a vida eterna dentro de nós (cf. *Jo* 4, 14).

Dá-me de beber. Há um segundo aspeto. Estas palavras não são apenas o pedido de Jesus à samaritana, mas um apelo - por vezes silencioso - que se levanta todos os dias e nos pede para cuidarmos *da sede dos outros*. *Dá-me de beber* pedem-nos quantos – na família, no local de trabalho, nos outros lugares que frequentamos - têm sede de proximidade, de atenção, de escuta; pedem-nos aqueles que têm sede da Palavra de Deus e precisam de encontrar na Igreja um oásis onde beber. *Dá-me de beber* é o apelo da nossa sociedade, onde a pressa, a corrida ao consumo e sobretudo a indiferença, aquela cultura da indiferença geram aridez e vazio interior. E - não nos esqueçamos – *dá-me de beber* é o grito de tantos irmãos e irmãs que não têm água para viver, enquanto se continua a poluir e deturpar a nossa casa comum; e também ela, exausta e seca, “tem sede”.

Face a estes desafios, o Evangelho de hoje oferece a cada um a água viva que pode fazer de nós uma fonte de refrigério para os outros. E assim, como a samaritana, que deixou a sua ânfora no poço e foi chamar as pessoas da aldeia (cf. v. 28), também nós já não pensaremos apenas em saciar a própria sede, a nossa sede material, intelectual ou cultural, mas com a alegria de ter encontrado o Senhor poderemos saciar a sede dos outros: dar sentido à vida dos outros, não como donos, mas como servos desta Palavra de Deus que nos fez ter sede, que nos faz ter sede continuamente; seremos capazes de compreender a sua sede e partilhar o amor que Ele nos doou. Pergunto a mim mesmo e a vós: seremos capazes de compreender a sede dos outros? A sede das pessoas, a sede de tantos na minha família, no meu bairro? Hoje podemos perguntar-nos: será que tenho sede de Deus, será que percebo que preciso do seu amor como da água para viver? E depois, eu que tenho sede: preocupo-me com a sede dos outros, com a sede espiritual, com a sede material?

Que Nossa Senhora interceda por nós e nos ampare no caminho.

Domingo, 19 de março de 2023

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho mostra-nos Jesus que restitui a vista a um homem cego de nascença (cf. *Jo 9, 1-41*). Mas este prodígio é mal recebido por várias pessoas e grupos. Vejamos nos pormenores.

Mas primeiro gostaria de vos dizer: hoje, pegai no Evangelho de João e lede este milagre de Jesus, é muito bonito o modo como João o narra. Capítulo 9, lê-se em dois minutos. Mostra o modo de proceder de Jesus e do coração humano: o coração humano bondoso, o coração humano túbio, o coração humano medroso, o coração humano corajoso. Capítulo 9 do Evangelho de João. Lede-o hoje, far-vos-á muito bem! E como recebem as pessoas este sinal?

Em primeiro lugar, há os discípulos de Jesus, que diante do homem cego de nascença acabam no mexerico: interrogam-se se a culpa é dos pais ou dele (cf. v. 2). Procuram um culpado; e nós caímos muitas vezes nisto, que é muito cómodo: procurar um culpado, em vez de nos colocarmos interrogações desafiadoras na vida. E hoje, podemos questionar-nos: o que significa para nós a presença desta pessoa, que nos pede? Depois da cura, as reações aumentam. A primeira é a dos vizinhos, que são cétricos: «Este homem sempre foi cego: não é possível que agora veja, não pode ser ele, é outro»: ceticismo (cf. vv. 8-9). Para eles isto é inaceitável, é melhor deixar tudo como era antes (cf. v. 16) e não se intrometer neste problema. Têm medo, temem as autoridades religiosas e não se pronunciam (cf. vv. 18-21). Em todas estas reações, emergem corações fechados perante o sinal de Jesus, por vários motivos: porque procuram um culpado, porque não sabem maravilhar-se, porque não querem mudar, porque são impedidos pelo medo. E hoje muitas situações são parecidas com esta. Diante de algo que é precisamente uma mensagem de testemunho de uma pessoa, é uma mensagem de Jesus, caímos nisto: procuramos outra explicação, não queremos mudar, procuramos uma saída mais elegante do que aceitar a verdade.

O único que reage bem é o cego: feliz por ver, ele testemunha do modo mais simples o que lhe aconteceu: «Eu era cego e agora vejo» (v. 25). Diz a verdade. Antes, era obrigado a pedir esmola para viver e sofria os preconceitos do povo: «É pobre e cego de nascença, deve sofrer, deve pagar pelos seus pecados ou pelos pecados dos seus antepassados». Agora, livre

no corpo e no espírito, dá testemunho de Jesus: nada inventa, nada esconde. «Eu era cego e agora vejo». Não tem medo do que os outros dirão: já conheceu o gosto amargo da marginalização, durante a sua vida inteira; já sentiu em si a indiferença, o desprezo dos transeuntes, daqueles que o consideravam um descarte da sociedade, no máximo útil para o pietismo de algumas esmolas. Agora, curado, já não teme essas atitudes de desprezo, porque Jesus lhe deu plena dignidade. E isto é claro, como sempre acontece: quando Jesus no cura, restitui-nos a dignidade, a dignidade da cura de Jesus, plena dignidade, uma dignidade que vem do fundo do coração, que abrange a vida inteira; e Ele, no sábado, diante de todos, libertou-o e restituiu-lhe a vista, sem lhe pedir nada, nem sequer um agradecimento, e o homem dá testemunho disto. Esta é a dignidade de uma pessoa nobre, de uma pessoa que sabe que foi curada, e restabelece-se, renasce; o renascimento na vida, de que se falava hoje em “A Sua Immagine”: renascer!

Irmãos, irmãs, com todos estes personagens o Evangelho de hoje coloca-nos também a nós no meio da cena, de modo que nos perguntamos: que posição assumimos, o que teríamos dito em tal situação? E acima de tudo, o que fazemos hoje? Como o cego, sabemos ver o bem e estar gratos pelos dons que recebemos? Pergunto-me: como é a minha dignidade? Como é a tua dignidade? Somos testemunhas de Jesus, ou espalhamos críticas e suspeitas? Somos livres perante os preconceitos, ou associamo-nos aos que espalham negativismo e mexericos? Estamos felizes por dizer que Jesus nos ama, nos salva ou, como os pais do homem cego de nascença, nos deixamos aprisionar pelo medo do que pensarão as pessoas? Os tíbios de coração, que não aceitam a verdade e não têm a coragem de dizer: “Não, isto é assim”. E ainda, como enfrentamos as dificuldades e a indiferença dos outros? Como acolhemos as pessoas que têm muitos limites na vida? Quer sejam físicas, como este cego; ou sociais, como os mendigos que encontramos na rua? Vemos isto como uma maldição, ou como uma ocasião para nos aproximarmos deles com amor?

Irmãos e irmãs, hoje peçamos a graça de nos maravilharmos todos os dias pelos dons de Deus e de ver as várias circunstâncias da vida, até as mais difíceis de aceitar, como ocasiões para praticar o bem, como Jesus fez

com o cego. Que Nossa Senhora nos ajude nisto, com São José, homem justo e fiel.

Domingo, 26 de março de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, quinto domingo de Quaresma, o Evangelho apresenta-nos a ressurreição de Lázaro (cf. *Jo* 11, 1-45). É o último dos milagres de Jesus narrados antes da Páscoa: a ressurreição do seu amigo Lázaro. Lázaro é um querido amigo de Jesus, o qual sabe que está prestes a morrer; Ele põe-se a caminho, mas chega a sua casa quatro dias após a sepultura, quando toda a esperança está perdida. A sua presença, contudo, reacende um pouco de confiança no coração das irmãs Marta e Maria (cf. vv. 22.27). Elas, mesmo na tristeza, agarram-se a esta luz, a esta pequena esperança. E Jesus convida-as a ter fé e pede-lhes que abram o túmulo. Depois reza ao Pai e grita a Lázaro: «Sai para fora!» (v. 43). E ele volta à vida e sai. Este é o milagre, assim, simples.

A mensagem é clara: *Jesus dá a vida* inclusive quando parece não haver mais esperança. Acontece, por vezes, que nos sentimos sem esperança - aconteceu a todos - ou que encontramos pessoas que perderam a esperança, amarguradas por terem experimentado situações negativas, o coração ferido não pode ter esperança. Por causa de uma perda dolorosa, de uma doença, de uma amarga desilusão, por causa de uma injustiça ou traição sofridos, por causa de um erro grave cometido... deixaram de ter esperança. Por vezes ouvimos alguém dizer: “Não há mais nada a fazer!”, e fechar a porta a toda a esperança. São momentos em que a vida parece um sepulcro fechado: tudo é escuro, em volta só se vê tristeza e desespero. O milagre de hoje, diz-nos que não é assim, o fim não é este, que nestes momentos não estamos sozinhos, aliás, que é precisamente nestes momentos que *Ele se aproxima mais do que nunca para nos restituir a vida*. Jesus chora: o Evangelho diz que Jesus, diante do túmulo de Lázaro chorou, e hoje Jesus chora connosco, tal como pôde chorar por Lázaro: o Evangelho repete duas vezes que se comoveu (cf. vv. 33.38) e sublinha que irrompeu em lágrimas

(cf. v. 35). Ao mesmo tempo, Jesus convida-nos a não deixar de acreditar e de esperar, a não nos deixarmos esmagar por sentimentos negativos, que nos tiram as lágrimas. Ele aproxima-se dos nossos túmulos e diz-nos, como fez então: «Tirai a pedra» (v. 39). Nestes momentos temos como que uma pedra dentro de nós e o único capaz de a remover é Jesus, com a sua palavra: “Tirai a pedra”.

Isto é o que Jesus diz também a nós. *Tirai a pedra*: a dor, os erros, também os fracassos, não os escondais dentro de vós, num quarto escuro, solitário e fechado. *Tirai a pedra*: tirai para fora tudo o que está dentro. “Ah, envergonho-me”. Lançai-o em mim com confiança, diz o Senhor, não me escandaliza; lançai-o em mim sem temor, pois estou convosco, amo-vos, e desejo que volteis a viver. E, como a Lázaro, repete a cada um de nós: *Sai para fora!* Levanta-te, retoma o caminho, recupera a confiança! Quantas vezes na vida nos vimos assim, nesta situação de não termos forças para nos levantarmos de novo. E Jesus: “Vai, continua! Estou contigo”. Levo-te pela mão, diz Jesus, como quando de criança aprendias a dar os primeiros passos. Querido irmão, querida irmã, tira as ligaduras que te prendem (cf. v. 45); por favor, não cedas ao pessimismo que deprime, não cedas ao temor que isola, não cedas ao desânimo por causa da memória das más experiências, não cedas ao medo que paralisa. Jesus diz-nos: “Quero-te livre, quero-te vivo, não te abandonarei, e estou contigo! Tudo é escuro, mas eu estou contigo! Não deixes que a dor te aprisione, não deixes que a esperança morra. Irmão, irmã, regressa à vida!” – “E como faço?” – “Pega a minha mão”, e Ele toma-nos pela mão. Deixa-te puxar: e Ele é capaz de o fazer. Nos momentos negativos que acontecem a todos nós.

Estimados irmãos e irmãs, este trecho do capítulo 11 do Evangelho de João, que faz tão bem ler, é um hino à vida, e é proclamado quando a Páscoa está próxima. Talvez também nós, neste momento, carreguemos no coração algum fardo ou sofrimento, que parece esmagar-nos; alguma coisa má, algum pecado antigo que não conseguimos fazer sair, algum erro da juventude, nunca se sabe. Estas coisas más devem sair. E Jesus diz: “Sai para fora”. Então é o momento de remover a pedra e sair para encontrar Jesus, que está próximo. Podemos abrir-lhe o coração e confiar-lhe as nossas preocupações? Será que podemos? Conseguimos abrir o túmulo dos problemas, somos capazes, e olhar para além do limiar, na direção da sua

luz, ou temos medo disto? E, por nossa vez, como pequenos espelhos do amor de Deus, somos capazes de iluminar os ambientes em que vivemos com palavras e gestos de vida? Damos testemunho da esperança e da alegria de Jesus? Nós, pecadores, todos? E também, gostaria de dizer uma palavra aos confessores: caros irmãos, não vos esqueçais que também vós sois pecadores, e que estais no confessionário não para torturar, mas para perdoar, e perdoar tudo, como o Senhor perdoa tudo. Que Maria, Mãe da esperança, renove em nós a alegria de não nos sentirmos sós e a chamada a levar luz às trevas que nos rodeiam.

Segunda-feira do Anjo, 10 de abril de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho leva-nos a reviver o encontro das mulheres com Jesus ressuscitado na manhã de Páscoa. Assim, recorda-nos que foram elas, as mulheres discípulas, as primeiras que o viram e o encontraram.

Poderíamos perguntar-nos: porquê elas? Por um motivo muito simples: porque foram as primeiras a ir ao sepulcro. Como todos os discípulos, também elas sofriam pelo modo como a vicissitude de Jesus parecia ter acabado; mas ao contrário dos outros, não permanecem em casa, paralisadas pela tristeza e pelo medo: de madrugada, ao nascer do sol, vão honrar o corpo de Jesus, levando unguentos aromáticos. O túmulo fora selado e elas perguntam-se quem poderia ter removido aquela pedra, tão pesada (cf. *Mc* 16, 1-3). Mas a sua vontade de realizar aquele gesto de amor prevalece acima de tudo. Não desanimam, saem dos seus receios e da sua angústia. Eis o caminho para encontrar o Ressuscitado: sair dos nossos receios, sair das nossas angústias.

Voltemos a percorrer a cena descrita pelo Evangelho: as mulheres chegam, veem o sepulcro vazio e, «com medo e com grande alegria», correm - diz o texto - «para dar a Boa Nova aos discípulos» (*Mt* 28, 8). Pois bem, precisamente quando vão levar este anúncio, Jesus vem ao seu encontro. Observemos bem isto: Jesus encontra-as quando o vão anunciar.

Isto é bonito: Jesus encontra-as quando o vão anunciar! Quando anunciamos o Senhor, o Senhor vem ao nosso encontro. Às vezes pensamos que o modo de estar próximos de Deus é mantê-lo muito perto de nós; pois se nos expusermos e começarmos a falar sobre isto, chegam juízos e críticas, e talvez não saibamos responder a certas perguntas ou provocações, e então é melhor não falar sobre o assunto e fechar-se: não, isto não é bom! Ao contrário, o Senhor vem quando é anunciado. Encontras sempre o Senhor no caminho do anúncio. Anuncia o Senhor e encontrá-lo-ás. Procura o Senhor e encontrá-lo-ás. Sempre a caminho, é isto que as mulheres nos ensinam: encontramos Jesus quando damos testemunho d'Ele. Coloquemos isto no coração: encontramos Jesus quando damos testemunho d'Ele!

Citemos um exemplo. Ter-nos-á acontecido, às vezes, receber uma notícia maravilhosa, como por exemplo o nascimento de uma criança. Então, uma das primeiras coisas que fazemos é partilhar este feliz anúncio com os amigos: “Sabes, tive um filho... é lindo!”. E dizendo-o, repetimo-lo também a nós próprios e, de certa forma, revivemo-lo ainda mais em nós. Se isto acontece com uma boa notícia, de todos os dias ou de alguns dias importantes, acontece infinitamente mais com Jesus, que não é apenas uma boa notícia, nem sequer a notícia mais bonita da vida, não, pois Ele é a própria vida, Ele é «a ressurreição e a vida» (*Jo 11, 25*). Cada vez que o anunciamos, sem fazer propaganda nem proselitismo - isto não, anunciar é uma coisa, fazer propaganda e proselitismo é outra. O cristão anuncia, quem tem outras finalidades faz proselitismo, e isto não é bom - cada vez que o anunciamos, o Senhor vem ao nosso encontro. Ele vem com respeito e amor, como o dom mais belo a partilhar. Jesus habita mais em nós cada vez que o anunciamos.

Pensemos ainda nas mulheres do Evangelho: havia a pedra selada e não obstante vão ao sepulcro; havia uma cidade inteira que vira Jesus na cruz e mesmo assim vão à cidade para o anunciar vivo. Caros irmãos e irmãs, quando encontramos Jesus, nenhum obstáculo nos pode impedir de o anunciar. Se, ao contrário, guardarmos para nós a sua alegria, talvez seja porque ainda não o encontramos verdadeiramente.

Irmãos, irmãs, diante da experiência das mulheres, perguntemo-nos: diz-me, quando foi a última vez que deste testemunho de Jesus? Quando foi

a última vez que dei testemunho de Jesus? Hoje, o que faço para que as pessoas que encontro recebam a alegria do seu anúncio? E ainda, alguém pode dizer: esta pessoa é serena, é feliz, é boa porque encontrou Jesus? Pode-se dizer isto de cada um de nós? Peçamos a Nossa Senhora que nos ajude a ser anunciadores jubilosos do Evangelho.

Domingo, 16 de abril de 2023

Prezados irmãos e irmãs!

Hoje, Domingo da Divina Misericórdia, o Evangelho narra-nos duas aparições de Jesus Ressuscitado aos discípulos e em particular a Tomé, o “Apóstolo incrédulo” (cf. *Jo* 20, 24-29).

Na realidade, Tomé não é o único que tem dificuldade em acreditar, aliás, representa um pouco todos nós. Com efeito, nem sempre é fácil acreditar, especialmente quando, como no seu caso, se sofreu uma grande desilusão. Depois de uma grande desilusão, é difícil acreditar. Seguiu Jesus durante anos, correndo riscos e suportando dificuldades, mas o Mestre foi crucificado como um bandido e ninguém o libertou, ninguém fez nada! Morreu e todos têm medo. Como voltar a ter confiança? Como confiar na notícia segundo a qual Ele está vivo? A dúvida estava dentro dele.

No entanto, Tomé demonstra que tem coragem: enquanto os outros, receosos, estão fechados no cenáculo, ele sai, correndo o risco de que alguém o possa reconhecer, denunciar e prender. Até poderíamos pensar que, com a sua coragem, mereceria mais do que os outros encontrar o Senhor ressuscitado. Ao contrário, precisamente porque se tinha afastado, quando Jesus aparece pela primeira vez aos discípulos na noite de Páscoa, Tomé não está presente e perde a ocasião. Afastou-se da comunidade. Como poderá recuperá-la? Só voltando a estar com os outros, voltando para aquela família que tinha deixado assustada e triste. Quando o faz, quando regressa, dizem-lhe que Jesus veio, mas ele tem dificuldade em acreditar; gostaria de ver as suas feridas. E Jesus satisfá-lo: oito dias depois, aparece novamente no meio dos seus discípulos e mostra-lhe as suas chagas, as

mãos, os pés, aquelas feridas que são as provas do seu amor, que são os canais sempre abertos da sua misericórdia.

Reflitamos sobre estes acontecimentos. Para acreditar, Tomé gostaria de um sinal extraordinário: tocar as chagas. Jesus mostra-lhas, mas de modo ordinário, diante de todos, na comunidade, não fora. Como se lhe dissesse: se quiseres encontrar-me, não procures longe, fica na comunidade, com os outros; e não te vás embora, reza com eles, parte o pão com eles. E di-lo também a nós. É ali que me poderás encontrar, é aí que te mostrarei, gravados no meu corpo, os sinais das chagas: os sinais do Amor que vence o ódio, do Perdão que desarma a vingança, os sinais da Vida que derrota a morte. É aí, na comunidade, que descobrirás o meu rosto, enquanto partilhares momentos de dúvida e de medo com os irmãos, estreitando-te ainda mais fortemente a eles. Fora da comunidade, é difícil encontrar Jesus!

Caros irmãos e irmãs, o convite feito a Tomé também é válido para nós. Onde procuramos o Ressuscitado? Nalgum evento especial, nalguma manifestação religiosa espetacular ou marcante, unicamente nas nossas emoções e sensações? Ou na comunidade, na Igreja, aceitando o desafio de permanecer nela, mesmo que não seja perfeita? Apesar de todos os seus limites e quedas, que são os nossos limites e quedas, a nossa Mãe Igreja é o Corpo de Cristo; e é ali, no Corpo de Cristo, que estão gravados, ainda e para sempre, os maiores sinais do seu amor. Mas perguntemo-nos se, em nome deste amor, em nome das chagas de Jesus, estamos dispostos a abrir os braços aos feridos da vida, sem excluir ninguém da misericórdia de Deus, mas aceitando todos; cada um como irmão, como irmã. Deus acolhe a todos, Deus acolhe a todos!

Maria, *Mãe de Misericórdia*, nos ajude a amar a Igreja e a fazer dela uma casa acolhedora para todos!

Domingo, 23 de abril de 2023

Estimados irmãos e irmãs!

Neste terceiro Domingo da Páscoa, o Evangelho narra o encontro de Jesus ressuscitado com os discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24, 13-35). Estes são dois discípulos que, resignados com a morte do Mestre, decidiram deixar Jerusalém no dia de Páscoa e regressar a casa. Talvez estivessem um pouco inquietos, porque tinham ouvido as mulheres que vinham do sepulcro e diziam que estava vazio..., mas vão embora. E enquanto caminhavam entristecidos e falando sobre o que aconteceu, Jesus aproxima-se deles, mas eles não o reconhecem. Ele pergunta-lhes porque estão tão tristes, e eles dizem-lhe: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias» (v. 18). E Jesus responde: «Que foi?» (v. 19). E eles contam-lhe toda a história, é Jesus que faz com que lha contem. Depois, enquanto caminham, ajuda-os a reler os factos de uma forma diferente, à luz das profecias, da Palavra de Deus, de tudo o que foi anunciado ao povo de Israel. Reler: é isso que Jesus faz com eles, ajuda-os a reler. Analisemos este aspeto.

De facto, também para nós é importante reler a nossa história juntamente com Jesus: a história da nossa vida, de um certo período, dos nossos dias, com as desilusões e as esperanças. Também nós, por outro lado, como aqueles discípulos, podemos encontrar-nos desorientados face aos acontecimentos, sozinhos e incertos, com tantas perguntas e preocupações, desilusões, tantas coisas. O Evangelho de hoje convida-nos a contar tudo a Jesus, com sinceridade, sem medo de O perturbar - Ele ouve -, sem medo de dizer coisas erradas, sem ter vergonha da nossa luta para compreender. O Senhor alegra-se quando nos abrimos a Ele; só assim Ele pode dar-nos a mão, acompanhar-nos e fazer arder novamente o nosso coração (cf. v. 32). Então também nós, como os discípulos de Emaús, somos chamados a estar com Ele para que, quando a noite chegar, Ele permaneça connosco (cf. v. 29).

Há uma bela maneira de o fazer, que gostaria de vos propor hoje: consiste em dedicar um tempo cada noite a um breve *exame de consciência*. O que aconteceu hoje dentro de mim? Esta é a pergunta. Trata-se de *reler o dia com Jesus*, reler o meu dia: de lhe abrir o coração, de levar a Ele as pessoas, as escolhas, os receios, as quedas e as esperanças, todas as coisas que aconteceram; para aprender gradualmente a olhar para tudo com olhos diferentes, com os seus olhos e não só com os nossos. Podemos assim

reviver a experiência daqueles dois discípulos. Face ao amor de Cristo, até o que parece fadigoso e fracassado pode emergir sob uma luz diferente: uma cruz difícil de abraçar, a escolha do perdão face a uma ofensa, uma vingança falhada, o cansaço do trabalho, a sinceridade que custa, as provações da vida familiar podem surgir sob uma nova luz, a luz do Crucificado Ressuscitado, que sabe fazer de cada queda um passo em frente. Mas para isso, é importante eliminar as defesas: deixar tempo e espaço para Jesus, não lhe esconder nada, mostrar-lhe as misérias, fazer-se ferir pela sua verdade, deixar que o coração vibre ao sopro da sua Palavra.

Podemos começar hoje, dedicar um momento de oração esta noite, durante o qual nos perguntamos: como foi o meu dia? Quais alegrias, tristezas, tédios... Como foi, o que aconteceu? Quais foram as suas pérolas, talvez escondidas, pelas quais dar graças? Havia um pouco de amor no que eu fiz? E quais foram as quedas, as tristezas, as dúvidas e os temores a mostrar a Jesus para que Ele me abra novos caminhos, me levante e me encoraje? Maria, Virgem da sabedoria, nos ajude a reconhecer Jesus que caminha connosco e a reler - eis a palavra: reler - perante Ele todos os dias da nossa vida.

Domingo, 7 de maio de 2023

Estimados irmãos e irmãs!

O Evangelho da liturgia de hoje (Jo 14, 1-12) refere-se ao último discurso de Jesus antes da sua morte. O coração dos discípulos está perturbado, mas o Senhor dirige-lhes palavras tranquilizadoras, convidando-os a *não ter medo*, não tenhais medo: de facto Ele não os está a abandonar, mas vai preparar-lhes um lugar e guiá-los rumo àquela meta. O Senhor indica a todos nós hoje o lugar maravilhoso *para onde ir* e, ao mesmo tempo, diz-nos *como chegar lá*, indica-nos o caminho a percorrer. Ele diz-nos *para onde ir* e *como lá chegar*.

Antes de mais, *para onde ir*. Jesus vê a angústia dos discípulos, vê o medo que têm de serem abandonados, tal como acontece connosco quando

somos obrigados a separar-nos de alguém que amamos. Por isso, diz: «Pois vou preparar-vos um lugar [...] para que onde eu estiver, estejais vós também» (vv. 2-3). Jesus usa a imagem familiar da casa, lugar das relações e da intimidade. Na casa do Pai, diz ele aos seus amigos e a cada um de nós, há lugar para ti, és bem-vindo, serás acolhido para sempre pelo calor de um abraço, e eu estou no céu a preparar um lugar para ti! Prepara-nos aquele abraço com o Pai, o lugar para toda a eternidade.

Irmãos e irmãs, esta Palavra é fonte de consolação, é fonte de esperança para nós. Jesus não se separou de nós, mas abriu-nos o caminho, antecipando o nosso destino final: o encontro com Deus Pai, em cujo coração há um lugar para cada um de nós. Por isso, quando sentirmos cansaço, desorientação e até fracasso, lembremo-nos para onde está orientada a nossa vida. Não devemos perder de vista a meta, mesmo que hoje corramos o risco de a esquecer, de esquecer as perguntas finais, as importantes: para onde vamos? Para onde caminhamos? Por que vale a pena viver? Sem estas perguntas, concentramos a vida só no presente, pensamos que temos de a gozar o mais possível, e acabamos por viver só o momento, sem um propósito, sem um objetivo. Mas a nossa pátria está no céu (cf. *Fl* 3, 20), não esqueçamos a grandeza e a beleza da meta!

Uma vez descoberta a meta, também nós, como o apóstolo Tomé no Evangelho de hoje, nos perguntamos: *como podemos saber o caminho?* Por vezes, sobretudo quando há grandes problemas a enfrentar e se tem a sensação de que o mal é mais forte, surge a pergunta: que devo fazer, que caminho devo seguir? Escutemos a resposta de Jesus: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (*Jo* 14, 6). “Eu sou o caminho”. O próprio Jesus é o *caminho* a seguir para viver na verdade e ter vida em abundância. Ele é o caminho e, por isso, a fé n’Ele não é um “pacote de ideias” no qual acreditar, mas um caminho a percorrer, uma viagem a realizar, um caminho com Ele. É seguir Jesus, porque Ele é o caminho que conduz à felicidade que não acaba. Seguir Jesus e imitá-lo, sobretudo com gestos de proximidade e de misericórdia para com os outros. Eis a bússola para alcançar o Céu: amar Jesus, o caminho, tornando-se sinais do seu amor na terra.

Irmãos e irmãs, vivamos o presente, tenhamos nas mãos o presente, mas não nos deixemos dominar: olhemos para o alto, olhemos para o Céu, recordemos a meta, pensemos que somos chamados para a eternidade, ao encontro com Deus. E, do Céu ao coração, renovemos hoje a escolha de Jesus, a escolha de O amar e de caminhar atrás d'Ele. Que a Virgem Maria, que seguindo Jesus já chegou à meta, ampare a nossa esperança.

Domingo, 14 de maio de 2023

Estimados irmãos e irmãs!

O Evangelho de hoje, sexto domingo da Páscoa, fala-nos do Espírito Santo, a quem Jesus chama *Paráclito* (cf. *Jo* 14, 15-17). *Paráclito* é uma palavra que vem do grego e significa, ao mesmo tempo, *consolador e advogado*. Isto é, o Espírito Santo nunca nos deixa sozinhos, está ao nosso lado, como um advogado que assiste o réu, estando ao seu lado. E sugere-nos a forma de nos defendermos perante aqueles que nos acusam. Lembremo-nos de que o grande acusador é sempre o demónio, que coloca os pecados dentro de nós, o desejo de pecar, a maldade. Reflitamos sobre estes dois aspetos: a sua proximidade a nós e a sua ajuda contra aqueles que nos acusam.

A sua *proximidade*: o Espírito Santo, diz Jesus, «permanece convosco e está em vós» (cf. v. 17). Nunca nos abandona. O Espírito Santo quer estar connosco: não é um hóspede de passagem que vem fazer-nos uma visita de cortesia. É um companheiro de vida, uma presença estável, é Espírito e deseja habitar no nosso espírito. É paciente e fica connosco inclusive quando caímos. Fica porque nos ama verdadeiramente: não finge que nos ama e depois deixa-nos sozinhos nas dificuldades. Não. É leal, é transparente, é autêntico.

Aliás, quando nos encontramos na provação, o Espírito Santo consola-nos, trazendo-nos o perdão e a força de Deus. E quando nos confronta com os nossos erros e nos corrige, fá-lo com gentileza: na sua voz que fala ao coração há sempre o timbre da ternura e o calor do amor. Certamente, o Espírito Paráclito é exigente, porque é um amigo verdadeiro, fiel, que nada esconde, que nos sugere o que mudar e como crescer. Mas, quando nos corrige, nunca nos humilha nem infunde desconfiança; ao contrário, transmite-nos a certeza de que com Deus podemos vencer, sempre. Esta é a sua proximidade. É uma bonita certeza!

Segundo aspeto, o Espírito Paráclito, é o nosso *advogado e defende-nos*. Defende-nos diante daqueles que nos acusam: diante de nós mesmos, quando não nos amamos e não nos perdoamos, até ao ponto de nos dizer que somos fracassados e inúteis; diante do mundo, que descarta quem não corresponde aos seus esquemas e modelos; diante do demónio, que é por excelência o “acusador” e o divisor (cf. Ap 12, 10) e faz de tudo para que nos sintamos incapazes e infelizes.

Perante todos estes pensamentos acusadores, o Espírito Santo sugere-nos como devemos reagir. De que modo? O Paráclito é Aquele que «nos recorda tudo o que Jesus nos disse» (cf. Jo 14, 26). Por isso, recorda-nos as palavras do Evangelho e permite que respondamos ao demónio acusador não com as nossas palavras, mas com as palavras do Senhor. Sobretudo, recorda-nos que Jesus falou sempre do Pai que está nos céus, fez com que o conhecêssemos e revelou-nos o seu amor por nós, que somos seus filhos. Se invocarmos o Espírito, aprendemos a acolher e a recordar a realidade mais importante da vida, que nos protege das acusações do mal. E qual é essa realidade mais importante da vida? O facto de sermos filhos amados de Deus. Somos filhos amados de Deus: esta é a realidade mais importante, e o Espírito recorda-nos isso.

Irmãos e irmãs, perguntemo-nos hoje: invocamos o Espírito Santo, rezamos-Lhe com frequência? Não nos esqueçamos d’Aquele que está perto de nós, aliás, dentro de nós! E depois, escutamos a sua voz, quando nos encoraja e quando nos corrige? Respondemos com as palavras de Jesus às acusações do mal, aos “tribunais” da vida? Lembramo-nos de que somos filhos amados de Deus? Que Maria nos torne dóceis à voz do Espírito Santo e sensíveis à sua presença.

Domingo, 21 de maio de 2023

Estimados irmãos e irmãs!

Hoje, em Itália e em muitos outros países, celebra-se a Ascensão do Senhor. É uma festa que conhecemos bem, mas que pode suscitar algumas

perguntas, pelo menos duas. A primeira: por que festejar a partida de Jesus da terra? Poderia parecer que a sua partida é um momento triste, não propriamente um motivo de alegria! Por que festejar uma partida? Primeira pergunta. Segunda pergunta: o que está a fazer Jesus agora no céu? Primeira pergunta: porquê festejar? Segunda pergunta: o que está a fazer Jesus no céu?

Por que festejamos? Porque com a Ascensão aconteceu uma coisa nova e bela: Jesus levou a nossa humanidade, a nossa carne para o céu – pela primeira vez! – ou seja, levou-a a Deus. Aquela humanidade, que ele assumira na terra, não ficou aqui. Jesus ressuscitado não era um espírito, não, tinha o seu corpo humano, a carne, os ossos, tudo, ali, com Deus, estará para sempre. Podemos dizer que a partir do dia da Ascensão, o próprio Deus, “mudou”: desde então, já não é apenas um espírito, mas, por quanto nos ama, tem em si a nossa própria carne, a nossa humanidade! Pois o nosso lugar é indicado, o nosso destino está ali. Assim escrevia um antigo Pai na fé: «Notícia maravilhosa! Aquele que se fez homem por nós [...], para nos fazer seus irmãos, apresenta-se como homem diante do Pai, para levar consigo todos os que estão unidos a ele» (S. Gregório de Nissa, *Discurso sobre a Ressurreição de Cristo*, 1). Hoje celebramos “a conquista do céu”: Jesus que regressa ao Pai, mas com a nossa humanidade. E assim o céu já é um pouco nosso. Jesus abriu a porta e o seu corpo está lá.

Segunda pergunta: *o que está a fazer Jesus no céu?* Ele representa-nos perante o Pai, mostra-lhe continuamente a nossa humanidade, mostra-lhe as feridas. Gosto de pensar que Jesus, diante do Pai, mostrando-lhe as chagas, reza assim. “Eis o que sofri pelos homens: faz alguma coisa!”. Mostra-lhe o preço da redenção, e o Pai comove-se. Gosto de pensar nisto. É assim que Jesus reza. Ele, não nos deixou sozinhos. De facto, antes de ascender, disse-nos, como relata o Evangelho de hoje: «Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo» (Mt 28, 20). Ele está sempre connosco, olha para nós, está «sempre vivo para interceder» (Hb 7, 25) em nosso favor. Para mostrar as feridas ao Pai, por nós. Numa palavra, Jesus intercede; está no melhor “lugar”, diante do Pai seu e nosso, para interceder por nós.

A intercessão é fundamental. Também para nós esta fé é útil: ajuda-nos a não perder a esperança, a não desanimar. Perante o Pai, há alguém que lhe

mostra as feridas e intercede. Que a Rainha do Céu nos ajude a interceder com a força da oração.

Domingo, 28 de maio de 2023

Estimados irmãos e irmãs!

Hoje, Solenidade de Pentecostes, o Evangelho leva-nos ao Cenáculo, onde os apóstolos se tinham refugiado depois da morte de Jesus (Jo 20, 19-23). O Ressuscitado, na noite de Páscoa, apresenta-se precisamente naquela situação de medo e angústia e, soprando sobre eles, diz: «Recebei o Espírito Santo» (v. 22). Assim, com o dom do Espírito, Jesus quer libertar os discípulos do medo, este medo que os mantém fechados em casa, e liberta-os para que possam sair e tornar-se testemunhas e anunciadores do Evangelho. Reflitamos um pouco sobre aquilo que o Espírito faz: *liberta do medo*.

Os discípulos tinham fechado as portas, diz o Evangelho, «por temor» (v. 19). A morte de Jesus tinha-os perturbado, os seus sonhos tinham sido desfeitos, as suas esperanças tinham desaparecido. E fecharam-se em si mesmos. Não apenas naquela sala, mas dentro, no coração. Gostaria de sublinhar este facto: fechados dentro. Quantas vezes também nós nos fechamos em nós mesmos? Quantas vezes, por causa de uma situação difícil, de um problema pessoal ou familiar, do sofrimento que nos marca ou por causa do mal que respiramos à nossa volta, caímos lentamente na perda da esperança e na falta de coragem para continuar? Muitas vezes isto acontece. E então, como os apóstolos, fechamo-nos dentro, barricando-nos no labirinto das preocupações.

Irmãos e irmãs, este “fecharmo-nos dentro” acontece quando, nas situações mais difíceis, deixamos que o medo se apodere de nós e faça a “levante a voz” dentro de nós. Quando o medo entra, fechamo-nos. A causa, portanto, é o medo: medo de não ser capaz de enfrentar, de estar sozinho para enfrentar as batalhas diárias, de correr riscos e depois ficar desiludido, de fazer escolhas erradas. Irmãos e irmãs, o medo bloqueia, o

medo paralisa. E também isola: pensemos no medo do outro, dos estrangeiros, dos diferentes, dos que pensam de forma diferente. E pode até haver medo de Deus: que me castigue, que se ressinta de mim... Se dermos espaço a estes falsos medos, as portas fecham-se: as do coração, as da sociedade e até as da Igreja! Onde há medo, há fechamento. E isto não é bom.

Contudo, o Evangelho oferece-nos o remédio do Ressuscitado: o Espírito Santo. Ele liberta das prisões do medo. Ao receberem o Espírito - que hoje celebramos - os apóstolos deixam o cenáculo e saem pelo mundo para perdoar os pecados e anunciar a boa nova. Graças a Ele, os receios são vencidos e as portas abrem-se. Pois é isto que o Espírito faz: faz-nos sentir a proximidade de Deus e, assim, o seu amor afasta o temor, ilumina o caminho, consola, sustenta na adversidade. Diante dos medos e dos fechamentos, invoquemos então o Espírito Santo para nós, para a Igreja e para o mundo inteiro: a fim de que um novo Pentecostes afaste os receios que nos assaltam e reacenda o fogo do amor de Deus.

Maria Santíssima, a primeira a ser repleta do Espírito Santo, interceda por nós.

Domingo, 4 de junho de 2023

Estimados irmãos e irmãs!

Hoje, Solenidade da Santíssima Trindade, o Evangelho é tirado do diálogo de Jesus com Nicodemos (cf. Jo 3, 16-18). Nicodemos era um membro do Sinédrio, apaixonado pelo mistério de Deus: reconhece em Jesus um mestre divino e, secretamente, à noite, vai falar com Ele. Jesus escuta-o, compreende que se trata de um homem em busca e, primeiro, surpreende-o, respondendo-lhe que, para entrar no Reino de Deus, é preciso renascer; depois, revela-lhe o centro do mistério, dizendo que Deus amou de tal modo a humanidade que enviou o seu Filho ao mundo. Jesus, então, o Filho, fala-nos do Pai e do seu imenso amor.

Pai e Filho. É uma imagem familiar que, se pensarmos bem, altera a nossa imaginação sobre Deus. Com efeito, a própria palavra “Deus” sugere-nos uma realidade singular, majestosa e distante, enquanto que ouvir falar de um Pai e de um Filho nos reconduz a casa. Sim, podemos pensar em Deus desta forma, através da imagem de *uma família reunida à volta de uma mesa*, onde a vida é partilhada. De resto, a imagem da mesa, que é ao mesmo tempo um altar, é um símbolo com o qual certos ícones representam a Trindade. É uma imagem que nos fala de um *Deus-comunhão*. Pai, Filho e Espírito Santo: comunhão.

Mas não é apenas uma imagem, é realidade! É realidade porque o Espírito Santo, o Espírito que o Pai, através de Jesus, derramou nos nossos corações (cf. *Gl* 4, 6), faz-nos saborear, faz-nos pregar a presença de Deus: uma presença sempre próxima, compassiva e terna. O Espírito Santo faz connosco como Jesus fez com Nicodemos: introduz-nos no mistério do novo nascimento - o nascimento da fé, da vida cristã -, revela-nos o coração do Pai e torna-nos participantes da própria vida de Deus.

O convite que nos dirige, poderíamos dizer, é o de nos sentarmos à mesa com Deus para partilhar o seu amor. Esta é a imagem. É o que acontece em cada missa, no altar da mesa eucarística, onde Jesus se oferece ao Pai e se oferece por nós. Sim, é assim, irmãos e irmãs, o nosso Deus é comunhão de amor: assim Jesus no-lo revelou. E sabeis como podemos recordar isto? Com o gesto mais simples, que aprendemos quando éramos crianças: o sinal da cruz. Fazendo o sinal da cruz no nosso corpo, lembramo-nos de quanto Deus nos amou, a ponto de dar a sua vida por nós; e repetimos a nós mesmos que o seu amor nos envolve completamente, do alto para baixo, da esquerda para a direita, como um abraço que nunca nos abandona. E, ao mesmo tempo, comprometemo-nos a dar testemunho de Deus-amor, criando comunhão em seu nome. Talvez agora, cada um de nós, e todos juntos, façamos o sinal da cruz em nós [faz o sinal da cruz].

Então, hoje podemos perguntar-nos: damos testemunho de Deus-amor? Ou será que o próprio Deus-amor se tornou um conceito, uma coisa já ouvida, que já não desperta nem provoca a vida? Se Deus é amor, as nossas comunidades testemunham-no? Sabem amar? As nossas comunidades sabem amar? E as nossas famílias, sabemos amar em família? Mantemos a

porta sempre aberta, sabemos acolher todos, friso todos, como irmãos e irmãs? Oferecemos a todos o alimento do perdão de Deus e a alegria evangélica? Respiramos ar de casa ou assemelhamo-nos mais a um escritório ou a um lugar reservado onde só entram os eleitos? Deus é amor, Deus é Pai, Filho e Espírito Santo e deu a vida por nós, por isso fazemos o sinal da cruz.

E que Maria nos ajude a viver a Igreja como a casa onde amamos de maneira familiar, para a glória de Deus Pai e Filho e Espírito Santo.

Domingo, 18 de junho de 2023

Prezados irmãos e irmãs!

Desejo exprimir a minha gratidão a todos aqueles que, durante os dias do meu internamento na Policlínica Gemelli, me manifestaram afeto, carinho e amizade, assegurando-me o apoio da oração. Esta proximidade humana e espiritual foi de grande ajuda e conforto para mim. Obrigado a todos, obrigado a vós, obrigado de coração!

Hoje, no Evangelho, Jesus chama pelo nome - chama pelo nome - e envia os doze Apóstolos. Enviando-os, pede-lhes que proclamem algo: «Anunciai que o Reino dos Céus está próximo» (Mt 10, 7). É o mesmo anúncio com que Jesus deu início à sua pregação: o Reino de Deus, isto é, o seu senhorio de amor, aproximou-se, vem entre nós. E não se trata apenas de uma notícia entre outras, mas da realidade fundamental da vida: a proximidade de Deus, a proximidade de Jesus!

Com efeito, se o Deus dos Céus está próximo, não estamos sozinhos na terra e não perdemos a confiança nem sequer no meio das dificuldades. Eis a primeira coisa a dizer às pessoas: Deus não está distante, é Pai. Deus não está distante, é Pai, conhece-te e ama-te; quer dar-te a mão, até quando percorres caminhos íngremes e acidentados, até quando caís e tens dificuldade em levantar-te e retomar o caminho; Ele, o Senhor, está aí, contigo. Aliás, muitas vezes, nos momentos em que te sentes mais frágil,

podes sentir a sua presença mais forte. Ele conhece o caminho, Ele está contigo, Ele é o teu Pai! Ele é o meu Pai! Ele é o nosso Pai!

Detenhamo-nos nesta imagem, porque anunciar Deus próximo significa convidar a pensar como uma criança que caminha segurando a mão do pai: tudo lhe parece diferente. O mundo, grande e misterioso, torna-se familiar e seguro, pois a criança sabe que está protegida. Não tem medo e aprende a abrir-se: encontra outras pessoas, encontra novos amigos, aprende com alegria coisas que não conhecia, e depois volta para casa e conta a todos o que viu, enquanto aumenta nela o desejo de crescer e fazer as coisas que viu o pai fazer. É por isso que Jesus começa por aqui, é por isso que a proximidade de Deus é o primeiro anúncio: permanecendo próximos de Deus, vencemos o medo, abrimo-nos ao amor, crescemos no bem e sentimos a necessidade e a alegria de anunciar!

Se quisermos ser bons apóstolos, devemos ser como as crianças: sentar-nos “no colo de Deus” e, dali olhar para o mundo com confiança e amor, para testemunhar que Deus é Pai, que só Ele transforma o nosso coração e nos dá aquela alegria e aquela paz que nós próprios não nos podemos dar.

Anunciar que Deus está próximo. Mas como o fazer? No Evangelho, Jesus recomenda que não se digam muitas palavras, mas que se façam muitos gestos de amor e de esperança em nome do Senhor; não dizer muitas palavras, mas fazer gestos: «Curai os doentes, diz, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios. Recebestes de graça, de graça dai» (Mt 10, 8). Eis o cerne do anúncio: o testemunho gratuito, o serviço. Digo-vos algo: fico sempre muito perplexo com os “paroleiros”, com o seu muito falar e nada fazer.

Façamos aqui algumas perguntas: nós, que cremos no Deus próximo, confiamos n’Ele? Sabemos olhar para a frente com confiança, como uma criança que sabe que está no colo do pai? Sabemos sentar-nos no colo do Pai na oração, na escuta da Palavra, aproximando-nos dos Sacramentos? E por fim, abraçados a Ele, sabemos incutir coragem nos outros, fazer-nos próximos de quem sofre e está só, de quem está distante e até de quem nos é hostil? Eis a realidade da fé, é isto que conta!

E agora rezemos a Maria, para que nos ajude a sentir-nos amados e a transmitir proximidade e confiança.

Domingo, 25 de junho de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia, feliz domingo!

No Evangelho de hoje, Jesus repete três vezes aos seus discípulos: «Não tenhais medo» (Mt 10, 26.28.31). Pouco antes, falou-lhes das perseguições que terão de suportar por causa do Evangelho, uma realidade ainda hoje atual: a Igreja, de facto, desde o início conheceu, juntamente com as alegrias - e foram tantas! -, muitas perseguições. Parece paradoxal: o anúncio do Reino de Deus é uma mensagem de paz e de justiça, fundada na caridade fraterna e no perdão e, no entanto, encontra oposições, violências e perseguições. Jesus, porém, diz para não temermos: não porque no mundo tudo correrá bem, não, mas porque para o Pai somos preciosos e nada do que é bom se perderá. Por isso, diz-nos para não deixarmos que o medo nos detenha, mas para temermos outra coisa, apenas uma coisa. O que nos diz Jesus que devemos temer?

Descobrimo-lo através de uma imagem que Jesus utiliza hoje: a imagem de “Geena” (cf. v. 28). O vale de “Geena” era um lugar que os habitantes de Jerusalém conheciam bem: era o grande depósito de lixo da cidade. Jesus fala dele para dizer que o verdadeiro medo que se deve ter é o de *deitar fora a própria vida*. Jesus diz: «Sim, teme isto». Como se dissesse: não é tanto ter medo de sofrer incompreensões e críticas, de perder o prestígio e as vantagens económicas para permanecer fiel ao Evangelho, mas de desperdiçar a existência perseguindo coisas banais, que não enchem a vida de sentido.

E isto é importante para nós. De facto, também hoje, podemos ser ridicularizados ou discriminados se não seguirmos certos modelos em voga, que, no entanto, colocam muitas vezes no centro realidades de segunda categoria: por exemplo, seguir coisas em vez de pessoas, desempenhos em vez de relações. Vejamos alguns exemplos. Estou a pensar nos pais, que

precisam de trabalhar para sustentar a família, mas não podem viver só para o trabalho: precisam de tempo para estar com os filhos. Penso também num sacerdote ou numa religiosa: devem empenhar-se no seu serviço, mas sem se esquecerem de dedicar tempo a estar com Jesus, caso contrário caem na mundanidade espiritual e perdem o sentido de quem são. E penso ainda num jovem ou numa jovem, que tem mil compromissos e paixões: escola, desporto, interesses diversos, telemóveis e *redes sociais*, mas precisa de encontrar pessoas e realizar grandes sonhos, sem perder tempo com coisas que passam e não deixam marca.

Tudo isto, irmãos e irmãs, implica alguma renúncia perante os ídolos da eficácia e do consumismo, mas é necessário para não nos perdermos nas coisas, que depois são deitadas fora, como se fazia no Geena de então. E no Geena de hoje, as pessoas acabam muitas vezes por: pensar nos últimos, muitas vezes tratados como material de descarte e objetos indesejados. Permanecer fieis ao que conta custa; custa ir contra a maré, custa libertar-se dos condicionamentos do pensamento comum, custa ser afastado por aqueles que “seguem a onda”. Mas não importa, diz Jesus: o que importa é não deitar fora o bem maior, a vida. Só este facto já nos deve assustar.

Perguntemo-nos então: eu, do que tenho medo? De não ter aquilo de que gosto? De não atingir os objetivos que a sociedade impõe? Do julgamento dos outros? Ou de não agradar ao Senhor e não colocar o seu Evangelho em primeiro lugar? Maria, sempre Virgem, Mãe sábia, ajuda-nos a sermos sábios e corajosos nas escolhas que fazemos.

SOLENIIDADE DOS SANTOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

Quinta-feira, 29 de Junho de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, no Evangelho Jesus diz a Simão, um dos Doze: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja» (Mt 16, 18). Pedro é um nome que tem vários significados:

pode designar rocha, pedra ou simplesmente seixo. E, com efeito, se olharmos para a vida de Pedro, encontraremos um pouco destes três aspetos do seu nome.

Pedro é uma *rocha*: em muitos momentos é forte e firme, genuíno e generoso. Deixa tudo para seguir Jesus (cf. *Lc* 5, 11), reconhece-o como Cristo, Filho de Deus vivo (cf. *Mt* 16, 16), mergulha no mar para ir depressa ao encontro do Ressuscitado (cf. *Jo* 21, 7). Além disso, com franqueza e coragem, anuncia Jesus no Templo, antes e depois de ser preso e flagelado (cf. *At* 3, 12-26; 5, 25-42). A tradição fala-nos também da sua firmeza diante do martírio, que teve lugar precisamente aqui (cf. Clemente Romano, *Carta aos Coríntios*, V, 4).

No entanto, Pedro é também uma *pedra*: é uma rocha e inclusive uma pedra, adequada para oferecer apoio aos outros: uma pedra que, fundamentada em Cristo, serve de sustentáculo para os seus irmãos na edificação da Igreja (cf. *1 Pd* 2, 4-8; *Ef* 2, 19-22). Também isto encontramos na sua vida: responde ao chamamento de Jesus com André, seu irmão, Tiago e João (cf. *Mt* 4, 18-22); confirma a disponibilidade dos Apóstolos a seguir o Senhor (cf. *Jo* 6, 68); cuida de quem sofre (cf. *At* 3, 6); promove e encoraja o anúncio comum do Evangelho (cf. *At* 15, 7-11). É “pedra”, é ponto de referência fiável para toda a comunidade.

Pedro é rocha, é pedra e também *seixo*: a sua pequenez sobressai com frequência. Às vezes não compreende o que Jesus faz (cf. *Mc* 8, 32-33; *Jo* 13, 6-9); perante a sua captura, deixa-se dominar pelo medo e nega-o, depois arrepende-se e chora amargamente (cf. *Lc* 22, 54-62), mas não tem a coragem de estar aos pés da cruz. Esconde-se com os outros no cenáculo, com medo de ser aprisionado (cf. *Jo* 20, 19). Em Antioquia, tem vergonha de estar com os pagãos convertidos, e Paulo exorta-o à coerência neste ponto (cf. *Gl* 2, 11-14); por último, segundo a tradição do *Quo vadis*, procura fugir diante do martírio, mas ao longo do caminho encontra Jesus e readquire a coragem de voltar atrás.

Em Pedro há tudo isto: a força da rocha, a fiabilidade da pedra e a pequenez de um simples seixo. Não é um super-homem: é um homem como nós, como cada um de nós, que na sua imperfeição diz “sim” a Jesus com generosidade. Mas precisamente assim, nele – como em Paulo e em todos

os santos – revela-se que é Deus quem nos torna fortes mediante a sua graça, quem nos une através da sua caridade, quem nos perdoa com a sua misericórdia. E é com esta verdadeira humanidade que o Espírito forma a Igreja. Pedro e Paulo eram pessoas autênticas, e nós, hoje mais do que nunca, precisamos de pessoas autênticas.

Agora, olhemos para o nosso íntimo e façamos algumas perguntas a partir da rocha, da pedra e do seixo. A partir da rocha: há em nós ardor, zelo, paixão pelo Senhor e pelo Evangelho, ou é algo que se desintegra com facilidade? E depois, somos pedras, não de tropeço, mas de construção para a Igreja? Trabalhamos pela unidade, interessamo-nos pelos outros, especialmente pelos mais frágeis? Por último, pensando no seixo: estamos conscientes da nossa pequenez? E sobretudo: nas debilidades, confiamo-nos ao Senhor, que realiza grandes coisas com quem é humilde e sincero?

Que Maria, Rainha dos Apóstolos, nos ajude a imitar a força, a generosidade e a humildade dos Santos Pedro e Paulo.

Domingo, 2 de julho de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho de hoje, Jesus diz: «Quem acolher um profeta por ser profeta, terá a recompensa do profeta» (Mt 10, 41). Três vezes a palavra “profeta”; mas quem é o profeta? Há quem o imagine como uma espécie de mágico que prevê o futuro, mas isso é uma ideia supersticiosa, e o cristão não acredita em superstições, como a magia, as cartas, os horóscopos ou coisas semelhantes. Aliás: muitos, muitos cristãos vão ler as mãos: por favor! Outros apenas retratam o profeta como um personagem do passado, que existia antes de Cristo para predizer a sua vinda. Mas o próprio Jesus fala hoje da necessidade de acolher os profetas; portanto, eles ainda existem, mas quem são? Quem é o profeta?

Profeta, irmãos e irmãs, é cada um de nós: de facto, com o Batismo, todos recebemos *o dom e a missão da profecia* (cf. *Catecismo da Igreja*

Católica, 1268). Profeta é aquele que, em virtude do Batismo, ajuda os outros a ler o presente sob a ação do Espírito Santo. Isto é muito importante: ler o presente não como uma crónica, mas sob a ação do Espírito Santo, que ajuda a compreender os projetos de Deus e a corresponder-lhes. Por outras palavras, o profeta é aquele que indica Jesus aos outros, que o testemunha, que ajuda a viver o hoje e a construir o amanhã segundo os seus desígnios. Por isso, todos nós somos profetas, testemunhas de Jesus «para que a força do Evangelho brilhe na vida quotidiana, familiar e social» (*Lumen gentium*, 35). O profeta é um sinal vivo que aponta Deus aos outros, o profeta é um reflexo da luz de Cristo no caminho dos irmãos. Assim, podemos perguntar-nos: eu, que fui “eleito profeta” no Batismo, falo e, sobretudo, vivo como testemunha de Jesus? Levo um pouco da sua luz à vida de alguém? Ponho-me à prova sobre isto? Pergunto-me: como está o meu testemunho, como está a minha profecia?

O Senhor no Evangelho também nos pede para *acolher os profetas*; por isso é importante acolhermo-nos uns aos outros como tais, como portadores da mensagem de Deus, cada um segundo o seu estado e a sua vocação, e fazê-lo onde vivemos: isto é, na família, na paróquia, nas comunidades religiosas, nos outros âmbitos da Igreja e da sociedade. O Espírito distribuiu dons de profecia no povo santo de Deus: eis porque é bom escutar todos. É por isso que é bom escutar todos. Por exemplo, quando há uma decisão importante a tomar, antes de mais é bom rezar, invocar o Espírito, mas depois escutar e dialogar, confiando que todos, até os mais pequeninos, têm algo importante a dizer, um dom profético a partilhar. Deste modo, procura-se a verdade e difunde-se um clima de escuta de Deus e dos irmãos, no qual as pessoas não se sintam acolhidas apenas se disserem o que lhes agrada, mas se sintam aceites e valorizadas como dons por aquilo que são.

Pensemos em quantos conflitos poderiam ser evitados e resolvidos desta forma, escutando os outros com um desejo sincero de se compreenderem! Por fim, perguntemo-nos: sei acolher os irmãos e as irmãs como dons proféticos? Acredito que tenho necessidade deles? Escuto-os com respeito, com vontade de aprender? Pois cada um de nós precisa de aprender com os outros, cada um de nós precisa de aprender com os outros.

Que Maria, Rainha dos Profetas, nos ajude a ver e a acolher o bem que o Espírito semeou nos outros.

Domingo, 9 de julho de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje relata uma belíssima oração de Jesus, que se dirige ao Pai dizendo: Dou-te graças, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25). Mas do que está a falar Jesus? E quem são esses pequeninos, a quem essas coisas são reveladas? Reflitamos sobre isto: as coisas pelas quais Jesus louva o Pai e acerca dos pequeninos que as sabem receber

As coisas pelas quais Jesus louva o Pai. Pouco antes, o Senhor recordou algumas das suas obras: «Os cegos recuperam a vista [...] os leprosos são purificados, [...] aos pobres é anunciado o Evangelho» (Mt 11, 5), e revelou o seu significado, dizendo que são sinais da ação de Deus no mundo. Portanto, a mensagem é clara: Deus revela-se libertando e curando o homem - não o esqueçamos: Deus revela-se libertando e curando o homem - e fá-lo com um amor gratuito, um amor que salva. É por isso que Jesus louva o Pai, porque a sua grandeza consiste no amor e nunca age fora do amor. Mas esta *grandeza no amor* não é compreendida por aqueles que se presumem grandes e fazem de si um deus à sua imagem: poderoso, inflexível, vingativo. Por outras palavras, estes presunçosos não conseguem aceitar Deus como Pai; quem é cheio de si, orgulhoso, preocupado apenas com os próprios interesses – estes são os presunçosos – convictos de que não precisam de ninguém. A este propósito, Jesus cita os habitantes de três cidades ricas da época, Corazim, Betsaida e Cafarnaum, onde fez muitas curas, mas cujos habitantes permaneceram indiferentes à sua pregação. Para eles, os milagres não passavam de acontecimentos espetaculares, úteis para fazer notícia e alimentar os mexericos: esgotado o seu interesse passageiro, arquivavam-nos, talvez para se ocuparem de outras notícias do momento. Não souberam acolher as grandes coisas de Deus.

Os pequeninos, pelo contrário, sabem acolhê-las e Jesus louva o Pai por eles: “bendigo-te” - diz - porque revelaste o Reino dos Céus aos pequeninos. Louva-o pelos simples, que têm o coração livre da presunção e do amor-próprio. Os pequeninos são aqueles que, como as crianças, se sentem necessitados e não autossuficientes, estão abertos a Deus e ficam maravilhados com as suas obras. Sabem ler os seus sinais, maravilham-se com os milagres do seu amor! Pergunto a cada um de vós, a mim também: sabemos maravilhar-nos com as coisas de Deus, ou tomamo-las como coisas passageiras?

Irmãos e irmãs, a nossa vida, se pensarmos bem, está cheia de milagres: está cheia de gestos de amor, de sinais da bondade de Deus. Perante eles, contudo, também o nosso coração pode ficar indiferente e tornar-se habitudinário, curioso mas incapaz de se deixar “impressionar”. Um coração fechado, um coração blindado, não tem capacidade para se admirar. Impressionar é um bonito verbo que faz lembrar a película de um fotógrafo. Esta é a atitude correta perante as obras de Deus: fotografar as suas obras na mente, para que fiquem impressas no coração, e depois revelá-las na vida, através de muitos gestos de bem, para que a “fotografia” de Deus-amor se torne cada vez mais luminosa em nós e através de nós.

E agora perguntemo-nos, cada um de nós: na abundância de notícias que nos inundam, eu, como Jesus nos mostra hoje, sei deter-me nas grandes coisas de Deus, naquelas que Deus realiza? Deixo-me maravilhar como uma criança pelo bem que muda silenciosamente o mundo, ou perdi a capacidade de me admirar? E bendigo todos os dias o Pai pelas suas obras? Maria, que exultou no Senhor, nos permita maravilharmo-nos com o seu amor e louvá-lo com simplicidade.

Domingo, 16 de julho de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho apresenta-nos a parábola do semeador (cf. *Mt 13, 1-23*). A imagem da “sementeira” é muito bonita, e Jesus utiliza-a para

descrever o dom da sua Palavra. Imaginemos uma semente: é pequena, pouco visível, mas faz crescer plantas que dão fruto. A Palavra de Deus é assim; pensemos no Evangelho, um pequeno livro, simples e ao alcance de todos, que produz vida nova em quem o recebe. Assim, se a Palavra é a semente, nós somos o terreno: podemos recebê-la ou não. Mas Jesus, o “bom semeador”, *não se cansa de a semear com generosidade*. Ele conhece o nosso terreno, sabe que as pedras da nossa inconstância e os espinhos dos nossos vícios (cf. vv. 21-22) podem sufocar a Palavra, e contudo espera, espera sempre que possamos dar frutos abundantes (cf. v. 8).

Assim faz o Senhor, e assim também nós somos chamados a fazer: *semear sem nos cansarmos*. Mas como se pode fazer isto, semear continuamente, sem se cansar? Vejamos alguns exemplos.

Em primeiro lugar, os pais: semeiam a bondade e a fé nos filhos, e são chamados a fazê-lo sem desanimar se, às vezes, eles parecem não compreender ou não apreciar os seus ensinamentos, ou se a mentalidade do mundo “rema contra”. A boa semente permanece, é isto que conta, e no tempo oportuno criará raízes. Mas se, cedendo à desconfiança, desistirem de semear e deixarem os filhos à mercê das modas e dos telemóveis, sem lhes dedicar tempo, sem os educar, então o solo fértil ficará cheio de ervas daninhas. Pais, não vos canseis de semear nos filhos!

Então, olhemos para os jovens: também eles podem semear o Evangelho nos sulcos da vida quotidiana. Por exemplo, com a oração: é uma pequena semente que não se vê, mas com a qual se confia a Jesus tudo o que se vive, e assim Ele pode fazê-la amadurecer. Mas penso também no tempo a dedicar aos outros, aos mais necessitados: pode parecer perdido, mas é tempo santo, enquanto que as aparentes satisfações do consumismo e do hedonismo nos deixam de mãos vazias. E penso no estudo: é verdade, é cansativo e não satisfaz imediatamente, como quando se semeia, mas é essencial para construir um futuro melhor para todos.

Vimos os pais, vimos os jovens; agora vejamos os semeadores do Evangelho, muitos bons sacerdotes, religiosos e leigos comprometidos no anúncio, que vivem e pregam a Palavra de Deus, muitas vezes sem sucesso imediato. Nunca esqueçamos, quando anunciamos a Palavra, que até onde parece que nada acontece, na realidade o Espírito Santo age e o Reino de

Deus já cresce, através e além dos nossos esforços. Por isso, queridos irmãos e irmãs, em frente com alegria! Recordemos as pessoas que lançaram a semente da Palavra de Deus na nossa vida – cada um de nós pense: “Como começou a minha fé?” – ela pode ter brotado anos depois de termos encontrado os seus exemplos, mas aconteceu precisamente por causa deles!

À luz de tudo isto, podemos perguntar-nos: semeio o bem? Preocupo-me em colher apenas para mim ou semeio também para os outros? Lanço algumas sementes do Evangelho na minha vida diária: no estudo, no trabalho, no tempo livre? Fico desanimado ou, como Jesus, continuo a semear, mesmo sem ver resultados imediatos? Maria, que hoje veneramos como a Bem-Aventurada Virgem do Monte Carmelo, nos ajude a ser semeadores generosos e jubilosos da Boa Nova.

Domingo, 23 de julho de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje oferece-nos a parábola do trigo e do joio (cf. *Mt* 13, 24-43). Um agricultor, que lançou uma boa semente no seu campo, descobre que um inimigo, de noite, semeou o joio, uma planta muito parecida com o trigo, mas é uma erva daninha.

Desta forma, Jesus fala do nosso mundo que, na realidade, é como *um grande campo*, onde Deus semeia o trigo e o maligno o joio, e assim o bem e o mal crescem juntos. O bem e o mal crescem juntos. Vemo-lo nas notícias, na sociedade, mas também na família e na Igreja. E quando, ao lado do trigo bom, vemos as ervas daninhas, temos vontade de as arrancar imediatamente, para fazer “limpeza”. Mas hoje o Senhor adverte-nos que fazer isto é uma tentação: não se pode criar um mundo perfeito, nem fazer o bem destruindo apressadamente o que não é bom, porque isto tem efeitos piores: acaba-se – como se diz – por “deitar fora o bebé com a água do banho”

No entanto, há um segundo campo onde podemos fazer limpeza: o *campo do nosso coração*, o único onde podemos intervir diretamente. Também ali há trigo e joio, aliás, é a partir dali que ambos se espalham no grande campo do mundo. Irmãos e irmãs, com efeito, o nosso coração é o campo da liberdade: não é um laboratório assético, mas um espaço aberto e, por conseguinte, vulnerável. Para o cultivar como se deve é preciso, por um lado, cuidar constantemente dos delicados rebentos do bem e, por outro, identificar e arrancar as ervas daninhas no momento certo. Olhemos, pois, para dentro de nós e examinemos o que se passa, o que cresce em mim, o que cresce em mim de bom e de mau. Há um bom método para o fazer: chama-se exame de consciência, que consiste em ver o que aconteceu na minha vida hoje, o que atingiu o meu coração e quais decisões tomei. Precisamente para ver, à luz de Deus, onde está o joio e onde está a boa semente.

Depois do campo do mundo e do campo do coração, há um terceiro campo. Podemos chamar-lhe *o campo do próximo*. São as pessoas com quem nos relacionamos todos os dias e que muitas vezes julgamos. Como é fácil para nós reconhecer o joio delas, como gostamos de “esfolar” os outros! E pelo contrário, como é difícil ver o bom trigo que cresce! Contudo, lembremo-nos que se quisermos cultivar os campos da vida, é importante procurar antes de mais nada a obra de Deus: aprender a ver nos outros, no mundo e em nós mesmos a beleza daquilo que o Senhor semeou, o trigo beijado pelo sol com as suas espigas douradas. Irmãos e irmãs, peçamos a graça de ser capazes de o ver em nós, mas também nos outros, a começar pelos que nos estão próximos. Não se trata de um olhar ingénuo, mas de um olhar crente, porque Deus, o agricultor do grande campo do mundo, gosta de ver o bem e de o deixar crescer até ao ponto de fazer da colheita uma festa!

Por isso, também hoje podemos formular-nos algumas perguntas. Pensando no *campo do mundo*: sei vencer a tentação de “fazer de toda a erva um feixe”, de limpar o campo dos outros com os meus juízos? Depois, pensando no *campo do coração*: sou honesto em procurar a erva daninha que há em mim e estou decidido a lançá-la no fogo da misericórdia de Deus? E, pensando no *campo do próximo*: tenho a sabedoria de ver o que é bom, sem me deixar desanimar pelos limites e pela lentidão dos outros?

Que a Virgem Maria nos ajude a cultivar com paciência o que o Senhor semeia no campo da vida, no meu campo, no campo do meu próximo, no campo de todos.

Domingo, 30 de julho de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho narra a parábola de um mercador que procurava pérolas preciosas. Ele, diz Jesus, «encontrou uma pérola de grande valor, foi, vendeu todos os seus bens e comprou-a» (Mt 13, 46). Reflitamos um pouco sobre os gestos deste comerciante, que primeiro procura, depois *encontra* e, por fim, *compra*.

Primeiro gesto: *procurar*. Trata-se de um comerciante empreendedor, que não fica parado, mas sai de casa e parte em busca de pérolas preciosas. Não diz: “Estou satisfeito com as que tenho”, mas procura outras mais bonitas. E este é um convite a não nos fecharmos no hábito, na mediocridade de quem se contenta, mas a *reavivar o desejo*, para que não se perca a vontade de procurar, de ir em frente; a cultivar sonhos de bem, a procurar a novidade do Senhor, porque o Senhor não é repetitivo, traz sempre a novidade, a novidade do Espírito, torna sempre novas as realidades da vida (cf. Ap 21, 5). E nós devemos ter esta atitude: procurar.

O segundo gesto do mercador é *encontrar*. É uma pessoa perspicaz, que “tem olho” e sabe reconhecer uma pérola de grande valor. Isto não é fácil. Pensemos, por exemplo, nos fascinantes bazares orientais, onde as bancas, cheias de mercadorias, se amontoam ao longo dos muros das ruas cheias de gente; ou em algumas bancas que se veem em muitas cidades, cheias de livros e objetos diversos. Por vezes, nestes mercados, se pararmos para procurar bem, podemos descobrir tesouros: coisas preciosas, volumes raros que, misturados com todo o resto, não são perceptíveis à primeira vista. Mas o comerciante da parábola tem um olhar perspicaz e sabe encontrar, sabe “discernir” para encontrar a pérola. Também isto é uma lição para nós: todos os dias, em casa, na rua, no trabalho, nas férias, temos a oportunidade

de discernir o bem. E é importante saber encontrar o que interessa: treinarmo-nos para reconhecer as pedras preciosas da vida e distingui-las da bugiganga. Não desperdicemos o nosso tempo e a nossa liberdade com coisas triviais, com passatempos que nos deixam vazios por dentro, enquanto a vida nos oferece todos os dias a pérola preciosa do encontro com Deus e com os outros! É preciso saber reconhecê-la: discernir para a encontrar.

E o último gesto do mercador: *compra* a pérola. Apercebendo-se do seu imenso valor, vende tudo, sacrifica todos os bens para a possuir. Muda radicalmente o inventário do seu armazém; não resta mais nada senão aquela pérola: é a sua única riqueza, o sentido do seu presente e do seu futuro. Também este é um convite para nós. Mas o que é esta pérola pela qual se pode renunciar a tudo, aquela de que o Senhor nos fala? Essa pérola é Ele mesmo, é o Senhor! Procurar o Senhor e encontrar o Senhor, encontrar o Senhor, viver com o Senhor. A pérola é Jesus: Ele é a pérola preciosa da vida, que deve ser procurada, encontrada e feita própria. Vale a pena investir tudo n'Ele, porque quando se encontra Cristo, a vida muda. Se encontrarmos Cristo, a nossa vida muda.

Retomemos então os três gestos do mercador - procurar, encontrar, comprar - e façamos algumas perguntas a nós mesmos. *Procurar*: na minha vida, estou a procurar? Sinto-me bem, estou satisfeito, ou estou a exercitar o meu desejo de bem? Estou na “reforma espiritual”? Quantos jovens estão reformados! Segundo gesto, *encontrar*: pratico o discernimento do que é bom e vem de Deus, sabendo renunciar ao que me deixa pouco ou nada? Por fim, *comprar*: sei gastar-me por Jesus? Ele está em primeiro lugar para mim, Ele é o maior bem da vida? Seria bom dizer-Lhe hoje: “Jesus, Tu és o meu bem maior”. Cada um, no coração, diga agora: “Jesus, tu és o meu bem maior”. Que Maria nos ajude a procurar, a encontrar e a abraçar Jesus com todo o nosso ser.

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO A PORTUGAL POR OCASIÃO DA
XXXVII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

Domingo, 6 de agosto de 2023

Queridos irmãos e irmãs,

Uma palavra ressoou muitas vezes nestes dias: “grazie”, ou seja, «obrigado». É belo aquilo que acaba de nos dizer o Patriarca de Lisboa: que «obrigado» não expressa só a gratidão pelo que se recebeu, mas também o desejo de corresponder ao bem. Quanto bem recebemos todos nós neste evento de graça! E agora o Senhor faz-nos sentir a necessidade de o partilhar também com os outros, dando alegremente testemunho do dom gratuito de Deus, do bem que Ele colocou nos nossos corações.

Mas, antes de nos despedirmos, quero também eu dizer «obrigado». Digo-o, em primeiro lugar, ao Cardeal Clemente e, nele, à Igreja e a todo o povo português: obrigado! Obrigado ao Senhor Presidente, que nos acompanhou nos eventos destes dias; obrigado às instituições nacionais e locais pelo apoio e assistência prestados; obrigado aos Bispos, sacerdotes, pessoas consagradas e leigos. E obrigado a ti, Lisboa, que permanecerás na memória destes jovens como «casa de fraternidade» e «cidade dos sonhos». Exprimo também a minha gratidão ao Cardeal Farrell – que rejuvenesceu nestas Jornadas – e àqueles que as prepararam, bem como a quantos as acompanharam com a oração. Obrigado aos voluntários: para eles, este aplauso saído do coração pelo seu grande serviço! E um agradecimento especial a quem velou pela JMJ a partir do Alto, ou seja, aos Santos patronos do evento e a um em particular: João Paulo II, que deu vida às Jornadas Mundiais da Juventude.

E obrigado a todos vós, queridos jovens! Deus vê inteiramente o bem que sois; só Ele conhece o que semeou nos vossos corações. Partis daqui com o que Deus semeou no coração, fazei-o crescer, guardai-o com diligência. Queria fazer-vos uma recomendação: mantende vivos, na mente e no coração, os momentos mais encantadores. Assim, quando chegarem momentos de cansaço e desânimo – que são inevitáveis – e, quem sabe, a tentação de deixar de caminhar ou de vos fechardes em vós mesmos, podereis com a memória reavivar as experiências e a graça destes dias, porque – nunca o esqueçais – esta é a realidade, isto é o que vós sois: o santo Povo fiel de Deus que caminha com a alegria do Evangelho. Desejo

também enviar uma saudação aos jovens que não puderam estar aqui, mas participaram nas iniciativas organizadas pelos seus países, pelas Conferências Episcopais, pelas dioceses; penso, por exemplo, nos irmãos e irmãs subsarianos, reunidos em Tânger. A todos, obrigado, obrigado!

E de modo particular acompanhamos com o afeto e a oração aqueles que não puderam vir por causa de conflitos e guerras. No mundo, há muitas guerras, muitos conflitos. Cingindo-me a este continente, sinto grande tristeza pela querida Ucrânia, que continua a sofrer tanto. Amigos, permiti também que eu, já idoso, partilhe convosco, jovens, um sonho que trago no coração: o sonho da paz, o sonho dos jovens que rezam pela paz, vivem em paz e constroem um futuro de paz. Através da oração do Angelus, coloquemos nas mãos de Maria, Rainha da Paz, o futuro da humanidade. E há um último obrigado que gostaria de sublinhar antes de concluir: Obrigado às nossas raízes, aos nossos avós, que nos transmitiram a fé, que nos transmitiram o horizonte duma vida. São as nossas raízes. E ao voltardes para casa continuai, por favor, a rezar pela paz. Vós sois um sinal de paz para o mundo, um testemunho de como as diferentes nacionalidades, línguas e histórias podem unir em vez de dividir. Vós sois esperança dum mundo diferente. Obrigado. Avante!

E chega enfim um momento que todos esperam: o anúncio da próxima etapa do caminho. Mas antes de vos referir a sede da quadragésima primeira Jornada Mundial da Juventude, quero fazer-vos um convite: marco encontro com os jovens de todo o mundo no ano 2025, em Roma, para celebrarmos juntos o *Jubileu dos jovens!* Lá vos espero em 2025 para celebrarmos juntos o Jubileu dos Jovens. A próxima Jornada Mundial da Juventude terá lugar na Ásia: será em Seul na Coreia do Sul! E assim, da fronteira ocidental da Europa, passará no ano 2027 ao extremo Oriente: é um belo sinal da universalidade da Igreja e do sonho de unidade do qual vós sois testemunhas!

E por fim dirigimos um último obrigado a duas pessoas especiais, aos dois protagonistas principais deste encontro. Estiveram aqui connosco, e continuarão a estar connosco; nunca perdem de vista as nossas vidas, amam as nossas vidas como mais ninguém o poderia fazer. Obrigado a Ti, Senhor Jesus. Obrigado a Ti, Maria, nossa Mãe. E agora rezemos...

Domingo, 13 de agosto de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje narra um prodígio particular de Jesus: Ele, à noite, caminha sobre as águas do mar da Galileia para ir ao encontro dos discípulos que faziam a travessia num barco (cf. *Mt* 14, 22-33). Perguntamo-nos: por que fez isto Jesus? Para dar espetáculo? Não! Mas porquê? Talvez por uma necessidade urgente e imprevisível, para ir em socorro dos seus que estavam encalhados por causa do vento contrário? Não, porque foi o Ele que programou tudo, que os fez partir ao fim da tarde, até - diz o texto - “obrigando-os” (cf. v. 22). Talvez para lhes dar uma demonstração de grandeza e de poder? Mas isto não é próprio d’Ele, que é tão simples. Então, por que o fez? Por que quis caminhar sobre as águas?

Por detrás do caminhar sobre as águas, há uma mensagem que não é imediata, uma mensagem que devemos captar. Naquele tempo, de facto, as grandes extensões de água eram consideradas como a sede de forças malignas que não podiam ser dominadas pelo homem; especialmente se agitados pela tempestade os abismos eram um símbolo do caos e lembravam as trevas do mundo subterrâneo. Naquele momento, os discípulos encontram-se no meio do lago, na escuridão: neles há o medo de afundar, de ser absorvidos pelo mal. E eis que surge Jesus, que caminha sobre as águas, isto é, sobre as forças do mal, Ele caminha sobre as forças do mal e diz aos seus: «Coragem, sou eu, não tenhais medo!» (v. 27). Tudo isto é uma mensagem que Jesus nos transmite. Eis o significado do sinal: os poderes malignos, que nos assustam e que não conseguimos dominar, com Jesus são imediatamente redimensionados. Ele, caminhando sobre as águas, quer dizer-nos: “Não tenhais medo, eu ponho os vossos inimigos debaixo dos pés” - bela mensagem: “ponho os vossos inimigos debaixo dos pés” - não as pessoas! - não são elas os inimigos, mas a morte, o pecado, o diabo: estes são os inimigos das pessoas, os nossos inimigos. E Jesus esmaga esses inimigos por nós.

Cristo repete hoje a cada um de nós: “*Coragem, sou eu, não tenhais medo!*”. Coragem, pois eu estou aqui, porque já não estás sozinho nas águas agitadas da vida. Então, o que fazer quando nos encontramos em alto mar e à mercê de ventos contrários? O que fazer no medo, que é um mar aberto, quando só vemos escuridão e nos sentimos perdidos? Devemos fazer duas coisas, que no Evangelho os discípulos fazem. O que fazem os discípulos? Invocam e acolhem Jesus. Nos momentos piores, mais escuros, mais tempestuosos, invocar Jesus e acolher Jesus.

Os discípulos *invocam* Jesus: Pedro caminha um pouco sobre as águas em direção de Jesus, mas depois tem medo, afunda e grita: «Senhor, salva-me!» (v. 30). Invoca Jesus, chama por Jesus. Esta oração é bonita, exprime a certeza de que o Senhor pode salvar-nos, que Ele vence o nosso mal e os nossos medos. Convido-vos a repeti-la agora todos juntos: Senhor, salva-me! Juntos, três vezes: Senhor salva-me, Senhor salva-me, Senhor salva-me!

E depois os discípulos acolhem. Primeiro invocam, depois acolhem Jesus no barco. O texto diz que, logo que ele entra a bordo, «o vento cessou» (v. 32). O Senhor sabe que a barca da vida, assim como a barca da Igreja, está ameaçada por ventos contrários e que o mar no qual navegamos é muitas vezes agitado. Ele não nos livra do cansaço da navegação, pelo contrário - o Evangelho sublinha-o - exorta os seus a partir: isto é, convidamos a enfrentar as dificuldades, para que também elas se tornem lugares de salvação, porque Jesus as vence, tornam-se oportunidades de encontro com Ele. De facto, nos nossos momentos de escuridão Ele vem ao nosso encontro, pedindo para ser acolhido, como naquela noite no lago.

Perguntemo-nos então: nos medos, nas dificuldades, como me comporto? Vou em frente sozinho, com as minhas forças, ou invoco o Senhor com confiança? E como está a minha fé? Acredito que Cristo é mais forte do que as ondas e os ventos adversos? Mas sobretudo: navego com Ele? Acolho-O, dou-Lhe lugar no barco da minha vida - nunca sozinho, sempre com Jesus - confio-Lhe o leme?

Maria, Mãe de Jesus, Estrela do Mar, ajuda-nos a procurar, nas travessias escuras, a luz de Jesus.

SOLENIIDADE DA ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

Domingo, 15 de agosto de 2023

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, solenidade da Assunção da Virgem Maria, contemplamo-la a subir em corpo e alma à glória do Céu. Também o Evangelho de hoje no-la apresenta enquanto sobe, desta vez rumo a uma «região montanhosa» (Lc 1, 39). E por que sobe? Para ajudar a sua prima Isabel, e lá proclama o cântico jubiloso do Magnificat. Maria sobe e a Palavra de Deus revela-nos o que a caracteriza na sua subida: o *serviço ao próximo e o louvor a Deus*. Ambos: Maria é a mulher do serviço ao próximo e Maria é a mulher que louva a Deus. De resto, o evangelista Lucas narra a vida de Cristo como uma subida para o alto, em direção a Jerusalém, lugar do dom de si na cruz, e descreve do mesmo modo o caminho de Maria. Em suma, Jesus e Maria percorrem o mesmo caminho: duas vidas que se elevam, glorificando a Deus e servindo os irmãos. Jesus como Redentor, que dá a vida por nós, pela nossa justificação; Maria como a serva que sai para servir: duas vidas que vencem a morte e ressuscitam; duas vidas cujos segredos são o serviço e o louvor. Detenhamo-nos nestes dois aspetos: serviço e louvor.

O serviço. É quando nos abaixamos para servir os nossos irmãos que subimos: é o amor que eleva a vida. Vamos servir os nossos irmãos e, com esse serviço, “subimos”. Mas servir não é fácil: Nossa Senhora, que acaba de conceber, percorre de Nazaré quase 150 quilómetros para chegar a casa de Isabel. Ajudar custa, a todos nós. Experimentamo-lo sempre, no cansaço, na paciência e nas preocupações que o cuidado dos outros implica. Pensemos, por exemplo, nos quilómetros que muitas pessoas percorrem todos os dias para ir e voltar do trabalho e realizar muitas tarefas em benefício do próximo; pensemos nos sacrifícios de tempo e de sono para cuidar de um bebé ou de um idoso; e no compromisso em servir quantos nada têm para retribuir, tanto na Igreja como no voluntariado. Admiro o voluntariado. É cansativo, mas é uma subida, é ganhar o Céu! É o verdadeiro serviço.

Mas o serviço corre o risco de ser estéril sem o *louvor a Deus*. De facto, quando Maria entra em casa da sua prima, louva o Senhor. Não fala do cansaço da viagem, mas do coração brota um cântico de júbilo. Porque quem ama a Deus conhece o louvor. E o Evangelho de hoje mostra-nos “uma cascata de louvores”: a criança salta de alegria no seio de Isabel (cf. *Lc 1, 44*), que pronuncia palavras de bênção e “a primeira bem-aventurança”: «Feliz daquela que acreditou» (*Lc 1, 45*); e tudo culmina em Maria, que proclama o *Magnificat* (cf. *Lc 1, 46-55*). O louvor aumenta a alegria. O louvor é como uma escada: eleva os corações. O louvor eleva o espírito e vence a tentação de se abater. Já vistes que as pessoas aborrecidas, as que vivem de mexericos, são incapazes de louvar? Perguntai-vos: sou capaz de louvar? Como é bom louvar a Deus todos os dias, e também os outros! Como é bom viver de gratidão e bênção em vez de lamentações e queixas, olhar para cima em vez de amuar! Queixas: há pessoas que se queixam todos os dias. Mas olha que Deus está perto de ti, olha que Ele te criou, olha as coisas que Ele te deu. Louva, louva! Isto é saúde espiritual.

Serviço e louvor. Façamos esta pergunta a nós mesmos: vivo o trabalho e as ocupações diárias com espírito de serviço ou com egoísmo? Dedico-me a alguém de forma gratuita, sem procurar um benefício imediato? Em suma, faço do serviço o “trampolim” da minha vida? E pensando no louvor: sei, como Maria, exultar em Deus (cf. *Lc 1, 47*)? Rezo bendizendo o Senhor? E, depois de o louvar, difundo a sua alegria entre as pessoas que encontro? Cada um procure responder a estas perguntas.

Que a nossa Mãe, Assunta ao Céu, nos ajude a subir cada dia mais através do serviço e do louvor.

Domingo, 20 de agosto de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho narra o encontro de Jesus com uma cananeia, fora do território de Israel (cf. *Mt 15, 21-28*). Ela pede-lhe que liberte a sua filha, atormentada por um demónio, mas o Senhor não presta atenção. Ela insiste,

e os discípulos aconselham-no a conceder-lhe o que pede para que ela se calme, mas Jesus explica que a sua missão se destina aos filhos de Israel, e usa esta imagem: «Não é bom pegar no pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos». E a mulher, corajosa, responde: «É verdade, Senhor, e, no entanto, os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos». Então Jesus diz-lhe: «“Mulher, grande é a tua fé! Que te aconteça o que desejas”. E, a partir daquele momento, a sua filha ficou curada» (vv. 26-28). Que bela história! E isto aconteceu a Jesus.

Vemos que Jesus muda de atitude, e o que o faz mudar é a força da fé da mulher. Reflitamos, pois, brevemente acerca destes dois aspetos: *a mudança de Jesus* e *a fé da mulher*.

A mudança de Jesus. Ele dirigia a sua pregação ao povo eleito; depois, o Espírito Santo levaria a Igreja até aos confins do mundo. Mas aqui, poderíamos dizer, dá-se uma antecipação, na qual, no episódio da cananea, se manifesta já a universalidade da obra de Deus. É interessante esta disponibilidade de Jesus: perante a oração da mulher, ele “antecipa os planos”, diante do seu caso concreto, torna-se ainda mais condescendente e compassivo. Deus é assim: é amor, e aquele que ama não permanece rígido. Sim, permanece firme, mas não rígido. Não permanece rígido nas suas posições, mas deixa-se *mover e comover*; sabe mudar os próprios projetos. O amor é criativo, e nós, cristãos, se quisermos imitar Cristo, somos convidados à *disponibilidade para mudar*. Como nos faz bem nas nossas relações, mas também na nossa vida de fé, sermos dóceis, escutarmos verdadeiramente, deixarmo-nos comover por causa da compaixão e do bem dos outros, como fez Jesus com a cananea. Docilidade para mudar. Corações dóceis para mudar.

Vejamos então a *fé da mulher*, que o Senhor elogia, dizendo que é «grande» (v. 28). Para os discípulos, só a sua insistência parece grande, mas Jesus vê a fé. Se pensarmos bem, aquela mulher estrangeira provavelmente pouco ou nada sabia das leis e dos preceitos religiosos de Israel. Em que consiste então a sua fé? Não é *rica de conceitos, mas de factos*: a cananea aproxima-se, prostra-se, insiste, mantém um diálogo estreito com Jesus, supera todos os obstáculos para lhe falar. Eis a concretude da fé, *não é um rótulo religioso*, mas uma relação pessoal com o Senhor. Quantas vezes

caímos na tentação de confundir a fé com um rótulo! A fé da mulher não é feita de regras teológicas, mas de insistência: bate à porta, bate, bate; não é feita de palavras, mas de oração. E Deus não resiste quando é implorado. Por isso disse: «Pedi e dar-se-vos-á, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á» (Mt 7, 7).

Irmãos e irmãs, à luz de tudo isto, podemos colocar-nos algumas questões. Partindo da *mudança de Jesus*, por exemplo: sou capaz de mudar de opinião? Sou capaz de ser compreensivo, de ser compassivo, ou mantenho-me rígido nas minhas posições? Há alguma rigidez no meu coração? O que não é firmeza: a rigidez é negativa, a firmeza é positiva. E a partir da *fé da mulher*: como é a minha fé? Está parada nos conceitos e nas palavras, ou é verdadeiramente vivida, com a oração e as ações? Sei dialogar com o Senhor, insistir com Ele, ou contento-me em recitar uma fórmula bonita? Que Nossa Senhora nos torne disponíveis para o bem e concretos na fé.

Domingo, 27 de agosto de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, no Evangelho (cf. Mt 16, 13-20), Jesus faz uma boa pergunta aos discípulos: «Quem dizeis que é o Filho do homem?» (v. 13).

É uma pergunta que também podemos fazer a nós próprios: o que dizem as pessoas de Jesus? Geralmente coisas positivas: muitos vêem-no como um grande mestre, como uma pessoa especial: boa, justa, coerente, corajosa... Mas será isto suficiente para compreender quem é e, sobretudo, será suficiente para Jesus? Parece que não. Se Ele fosse apenas uma figura do passado - como as figuras mencionadas no mesmo Evangelho, João Batista, Moisés, Elias e os grandes profetas eram para as pessoas da época - seria apenas uma bela recordação de um tempo passado. E isso não agrada a Jesus. Portanto, logo a seguir, o Senhor faz aos discípulos a pergunta decisiva: «Mas vós - vós! - quem dizeis que eu sou?» (v. 15). Quem sou eu para vós agora? Jesus não quer ser um protagonista da história, mas quer ser

protagonista do teu hoje, do meu hoje; não um profeta distante: Jesus quer ser o Deus próximo!

Cristo, irmãos e irmãs, não é uma memória do passado, mas o Deus do presente. Se fosse apenas uma figura histórica, imitá-lo hoje seria impossível: encontrar-nos-íamos perante a grande vala do tempo e, sobretudo, perante o seu modelo, que é como uma montanha muito alta e inalcançável; desejosos de a escalar, mas desprovidos da capacidade e dos meios necessários. Em vez disso, Jesus está vivo: recordemo-lo, Jesus está vivo, Jesus vive na Igreja, vive no mundo, Jesus acompanha-nos, Jesus está ao nosso lado, oferece-nos a sua Palavra, oferece-nos a sua graça, que iluminam e restabelecem no caminho: Ele, guia experiente e sábio, está feliz por nos acompanhar nos caminhos mais difíceis e nas subidas mais árduas.

Queridos irmãos e irmãs, no caminho da vida não estamos sozinhos, porque Cristo está connosco, Cristo ajuda-nos a caminhar, como fez com Pedro e com os outros discípulos. É precisamente Pedro, no Evangelho de hoje, que compreende isto e, por graça, reconhece em Jesus «o Cristo, o Filho de Deus vivo» (v. 16): «Tu és o Cristo, Tu és o Filho de Deus vivo», diz Pedro; não é um personagem do passado, mas o Cristo, isto é, o Messias, aquele que é esperado; não um herói morto, mas o Filho de Deus vivo, feito homem e vindo partilhar as alegrias e as fadigas do nosso caminho. Não desanimemos se por vezes o cume da vida cristã parecer demasiado alto e o caminho demasiado íngreme. Olhemos para Jesus, sempre; olhemos para Jesus que caminha ao nosso lado, que acolhe as nossas fragilidades, partilha os nossos esforços e apoia o seu braço firme e suave sobre os nossos ombros fracos. Com Ele ao nosso lado, estendamos também a mão uns aos outros e renovemos a confiança: com Jesus, o que parece impossível por nós próprios já não é impossível, com Jesus podemos ir em frente!

Hoje, far-nos-á bem repetir a pergunta decisiva que sai da sua boca: «Quem dizeis que eu sou?» (cf. v. 15). Tu - diz-te Jesus - tu, quem dizes que eu sou? Ouvimos a voz de Jesus a perguntar-nos isto. Por outras palavras: quem é Jesus para mim? Um grande personagem, um ponto de referência, um modelo inatingível? Ou é o Filho de Deus, que caminha ao meu lado,

que me pode levar ao cume da santidade, onde não posso chegar sozinho? Jesus está realmente vivo na minha vida, Jesus vive comigo? É o meu Senhor? Confio-me a Ele nos momentos de dificuldade? Cultivo a sua presença através da Palavra, através dos Sacramentos? Deixo-me guiar por Ele, juntamente com os meus irmãos e irmãs, na comunidade?

Maria, Mãe do Caminho, nos ajude a sentir o seu Filho vivo e presente ao nosso lado.

Domingo, 10 de setembro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho fala-nos da *correção fraterna* (cf. Mt 18, 15-20), que é uma das expressões mais elevadas do amor, mas também uma das mais difíceis, porque não é fácil corrigir os outros. Quando um irmão na fé comete uma falta contra ti, tu, sem rancor, ajuda-o, corrige-o: ajudar corrigindo.

Infelizmente, porém, a primeira coisa que muitas vezes se cria à volta de quem erra é a *coscuvilhice*, em que toda a gente fica a saber do erro, com todos os pormenores, exceto a pessoa em questão! Isto não está certo, irmãos e irmãs, isto não agrada a Deus. Não me canso de repetir que a *coscuvilhice* é uma chaga na vida das pessoas e das comunidades, pois traz divisão, traz sofrimento, traz escândalo, e nunca ajuda a melhorar, nunca ajuda a crescer. Um grande mestre espiritual, São Bernardo, dizia que a curiosidade estéril e as palavras superficiais são os primeiros degraus da escada da soberba, que não eleva, mas abaixa, precipitando o homem na perdição e na ruína (cf. *Os graus da humildade e da soberba*).

Jesus, porém, ensina-nos a comportarmo-nos de forma diferente. Eis o que ele nos diz hoje: «Se o teu irmão cometer uma falta contra ti, vai e repreende-o *a sós*» (v. 15). Fala com ele «cara a cara», fala com lealdade, para o ajudar a compreender onde erra. E fá-lo para o seu próprio bem, superando a vergonha e encontrando a verdadeira coragem, que não

significa falar mal, mas dizer-lhe as coisas na cara com mansidão e gentileza.

Mas, podemos perguntar-nos, e se isso não for suficiente? E se ele não compreender? Então, há que procurar ajuda. Mas atenção: não é a do pequeno grupo que tagarela! Jesus diz: «Leva contigo uma ou duas pessoas» (v. 16), ou seja, pessoas que queiram realmente ajudar aquele irmão ou aquela irmã que errou.

E se ele continuar a não compreender? Então, diz Jesus, envolve a comunidade. Mas, mais uma vez, sejamos claros: não se trata de fazer o pelourinho a uma pessoa, de a envergonhar publicamente, mas sim de unir os esforços de todos para a ajudar a mudar. Apontar o dedo contra não é bom, na verdade, muitas vezes torna mais difícil para quem errou reconhecer o seu erro. Pelo contrário, a comunidade deve fazer-lhe sentir que, ao mesmo tempo que condena o erro, está próxima com a oração e o afeto à pessoa, sempre pronta a oferecer-lhe o perdão, a compreensão e um novo começo.

Então perguntamo-nos: como me comporto com quem erra contra mim? Guardo-o dentro de mim e acumulo rancor? “Vais pagar”: esta palavra, que vem tantas vezes, “vais pagar”... Faço disto um motivo para falarem pelas costas? “Sabes o que aquele fez”? e por aí fora... Ou sou corajoso, corajosa, e procuro falar com ele ou com ela? Rezo por ele ou por ela, peço ajuda para fazer o bem? E as nossas comunidades tomam conta dos que caem, para que se possam levantar e começar uma nova vida? Apontam o dedo ou abrem os braços? E tu, o que fazes: apontas o dedo ou abres os braços?

Maria, que continuou a amar mesmo quando ouvia as pessoas condenarem o seu Filho, nos ajude a procurar sempre o caminho do bem.

Domingo, 17 de setembro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho fala-nos de *perdão* (cf. *Mt* 18, 21-35). Pedro pergunta a Jesus: «Senhor, se o meu irmão me ofender quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» (v. 21).

Sete, na Bíblia, é um número que indica plenitude, e por isso Pedro é muito generoso nas hipóteses da sua pergunta. Mas Jesus vai mais longe e responde-lhe: «Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete» (v. 22). Diz-lhe, portanto, que quando se perdoa não se calcula, que é bom perdoar tudo e sempre! Tal como Deus faz connosco, e como são chamados a fazer aqueles que administram o perdão de Deus: perdoar sempre. Digo isto aos padres, aos confessores: perdoai sempre como Deus perdoa.

Jesus ilustra então esta realidade através de uma parábola, que tem sempre a ver com números. Um rei, depois de ter sido implorado, perdoa a um servo a dívida de 10.000 talentos: é um valor exagerado, imenso, que varia entre 200 e 500 toneladas de prata: exagerado. Era uma dívida impossível de saldar, mesmo trabalhando toda a vida: mas aquele senhor, que recorda o nosso Pai, perdoa-lhe por pura «compaixão» (v. 27). É assim o coração de Deus: perdoa sempre, porque Deus é compassivo. Não esqueçamos como é Deus: próximo, compassivo e terno; este é o modo de ser de Deus. Mas depois este servo, ao qual a dívida foi perdoada, não tem piedade de outro servo que lhe deve 100 denários. Também esta é uma soma substancial, equivalente a cerca de três meses de salário - como se quisesse dizer que perdoar uns aos outros tem um preço! - mas não é de modo algum comparável à quantia anterior, que o patrão tinha perdoado.

A mensagem de Jesus é clara: Deus perdoa incalculavelmente, ultrapassando todas as medidas. Ele é assim, age por amor e por gratuidade. Deus não pode ser comprado, Deus é gratuito, é todo gratuidade. Não podemos retribuir-lhe, mas quando perdoamos ao nosso irmão ou irmã, imitamo-lo. Perdoar não é, portanto, uma boa ação que se pode fazer ou deixar de fazer: perdoar é uma condição fundamental para quem é cristão. Cada um de nós, de facto, é um “perdoado” ou uma “perdoada”: não esqueçamos isto, nós somos perdoados, Deus deu a vida por nós e de modo algum podemos compensar a sua misericórdia, que ele nunca retira do coração. Mas, correspondendo à sua gratuidade, isto é, perdoando-nos uns aos outros, podemos dar testemunho dele, semeando vida nova à nossa

volta. Porque fora do perdão não há esperança, fora do perdão não há paz. O perdão é o oxigénio que purifica o ar poluído pelo ódio, o perdão é o antídoto que cura os venenos do ressentimento, é o caminho para desarmar a raiva e curar tantas doenças do coração que contaminam a sociedade.

Perguntemo-nos então: acredito que recebi de Deus o dom de um perdão imenso? Sinto a alegria de saber que Ele está sempre pronto a perdoar-me quando peço, até quando os outros não o fazem, ou até quando nem eu próprio me consigo perdoar? Ele perdoa: acredito que Ele perdoa? E depois: sei perdoar, por minha vez, aqueles que me ofenderam? A este respeito, gostaria de vos propor um pequeno exercício: procuremos, agora, cada um de nós, pensar numa pessoa que nos ofendeu e peçamos ao Senhor a força para a perdoar. E perdoemo-la por amor ao Senhor: irmãos e irmãs, isso far-nos-á bem, restaurará a paz nos nossos corações.

Maria, Mãe de Misericórdia, nos ajude a aceitar a graça de Deus e a perdoarmo-nos uns aos outros.

Domingo, 24 de setembro de 2023

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da liturgia de hoje apresenta-nos uma parábola surpreendente: o dono de uma vinha sai de madrugada até ao fim da tarde para contratar trabalhadores, mas no fim paga a todos por igual, mesmo aqueles que só trabalharam uma hora (cf. *Mt 20, 1-16*). Pareceria uma injustiça, mas a parábola não deve ser lida através de critérios salariais; antes, quer mostrar-nos os critérios de Deus, que não calcula os nossos méritos, mas nos ama como filhos.

Detenhamo-nos em duas ações divinas que emergem da história. Em primeiro lugar, *Deus sai a todas as horas para nos chamar; segundo, retribui a todos com a mesma “moeda”*.

Em primeiro lugar, Deus é aquele que *sai a todas as horas para nos chamar*. A parábola diz que o senhor «saiu de madrugada a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha» (v. 1), mas depois continua a sair a várias horas do dia, até ao pôr do sol, para procurar aqueles que ainda ninguém tinha levado para trabalhar. Compreendemos assim que, na parábola, os operários não são apenas os homens, mas sobretudo Deus, que sai sempre sem se cansar o dia inteiro. Deus é assim: não espera os nossos esforços para vir ao nosso encontro, não faz um exame para avaliar os nossos méritos antes de nos procurar, não desiste se tardamos a responder-lhe; pelo contrário, Ele próprio tomou a iniciativa e, em Jesus, “saiu” ao nosso encontro, para nos manifestar o seu amor. E procura-nos a todas as horas do dia, que, como diz São Gregório Magno, representam as diferentes etapas e estações da nossa vida até à velhice (cf. *Homilias sobre o Evangelho*, 19). Para o seu coração nunca é demasiado tarde, está sempre à nossa procura e à nossa espera. Não nos esqueçamos disto: o Senhor procura-nos e espera-nos sempre, sempre!

Precisamente por ser tão generoso, Deus - esta é a segunda ação - *retribui a todos com a mesma “moeda”*, que é o seu amor. Eis o sentido último da parábola: os trabalhadores da última hora são pagos como os da primeira, porque, na realidade, a justiça de Deus é superior. Vai mais além. A justiça humana diz para “dar a cada um o que merece”, ao passo que a justiça de Deus não mede o amor pela balança dos nossos resultados, dos nossos desempenhos ou dos nossos fracassos: Deus ama-nos simplesmente, ama-nos porque somos filhos, e fá-lo com um amor incondicional e gratuito.

Irmãos e irmãs, por vezes corremos o risco de ter uma relação “mercantil” com Deus, confiando mais nas nossas proezas do que na sua generosidade e na sua graça. Por vezes, mesmo como Igreja, em vez de sairmos a todas as horas do dia e estendermos os braços a todos, podemos sentir-nos como os primeiros da turma, julgando os outros que estão longe, sem pensar que Deus também os ama com o mesmo amor que tem por nós. E mesmo nas nossas relações, que são o tecido da sociedade, a justiça que praticamos não consegue por vezes sair da gaiola do cálculo, e limitamo-nos a dar de acordo com o que recebemos, sem ousar ir mais longe, sem apostar na eficácia do bem feito gratuitamente e do amor oferecido de

coração aberto. Irmãos e irmãs, perguntemo-nos: eu, cristão, eu, cristã, sei ir ao encontro dos outros? Sou generoso, sou generosa para com todos, sei dar aquele “mais” de compreensão e de perdão, como Jesus fez e faz todos os dias comigo?

Que Nossa Senhora nos ajude a convertermo-nos à medida de Deus, a do amor sem medida.

Domingo, 1º de outubro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho fala de dois filhos, a quem o pai pede que vão trabalhar na vinha (cf. *Mt* 21, 28-32). Um deles responde imediatamente “sim”, mas depois não vai. O outro, pelo contrário, diz que não, mas depois arrepende-se e vai.

O que dizer destes dois comportamentos? Pensa-se imediatamente que ir trabalhar na vinha requer sacrifício, e que o sacrifício custa e não é espontâneo, mesmo na beleza de saber que somos filhos e herdeiros. Mas o problema aqui não está tão ligado à resistência a ir trabalhar na vinha, mas à sinceridade ou não diante do pai e de si próprio. Com efeito, na realidade nenhum dos dois filhos se comporta corretamente, o primeiro mente, enquanto que o outro erra mas é sincero.

Vejam os casos do filho que diz “sim” mas depois não vai. Ele não quer fazer a vontade do pai, mas também não quer discutir e falar sobre isso. Por isso, esconde-se por detrás de um “sim”, de um falso assentimento, que esconde a sua preguiça e lhe salva a cara momentaneamente, é um hipócrita. Passa sem conflitos, mas engana e desilude o seu pai, desrespeitando-o de uma forma pior do que teria feito com um “não” direto. O problema de um homem que se comporta assim é que não é apenas um *pecador*, mas um *corrupto*, porque mente sem problemas para cobrir e disfarçar a sua desobediência, sem aceitar qualquer diálogo ou confronto honesto.

O outro filho, o que diz “não” mas vai, é sincero. Não é perfeito, mas é sincero. Claro que teríamos gostado de o ver dizer “sim” imediatamente. Não o faz, mas, pelo menos, manifesta diretamente e num certo sentido com coragem a sua relutância. Ou seja, assume a responsabilidade pelo seu comportamento e age à luz do dia. Depois, com esta honestidade básica, acaba por se questionar, por se aperceber de que estava errado e por retomar

os seus passos. É, podemos dizer, um *pecador*, mas não um *corrupto*. Ouvi bem: é um pecador, mas não é um corrupto. E para o pecador há sempre uma esperança de redenção; para o corrupto, porém, é muito mais difícil. De facto, os seus falsos “sins”, as suas aparências elegantes mas hipócritas e os seus fingimentos que se tornaram hábitos são como uma espessa “parede de borracha”, atrás da qual ele se protege das chamadas de consciência. E estes hipócritas fazem tanto mal! Irmãos e irmãs, pecadores sim - todos o somos -, corruptos não! Pecadores sim, corruptos não!

Olhemos agora para nós próprios e, à luz de tudo isto, coloquemo-nos algumas questões. Perante o esforço de viver uma vida honesta e generosa, de me empenhar segundo a vontade do Pai, estou disposto a dizer “sim” todos os dias, mesmo que isso custe? E quando não consigo, sou sincero no confronto com Deus sobre as minhas dificuldades, as minhas quedas, as minhas fragilidades? E quando digo “não”, volto atrás? Falemos com o Senhor sobre isto. Quando cometo um erro, estou disposto a arrepender-me e a corrigir-me? Ou faço vista grossa e vivo com uma máscara, preocupando-me apenas de me mostrar uma boa pessoa e honesto? Em última análise, sou um pecador, como toda a gente, ou há algo de corrupto em mim? Não esqueçais: pecadores sim, corruptos não.

Maria, espelho de santidade, nos ajude a ser cristãos sinceros

Domingo, 8 de outubro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje o Evangelho apresenta-nos uma parábola dramática, com um epílogo triste (cf. *Mt* 21, 33-43). O proprietário de um terreno plantou ali uma vinha e cuidou bem dela; depois, tendo de partir, confia-a a alguns camponeses. Na altura da colheita, manda os seus servos fazer a colheita. Mas os camponeses maltratam-nos e matam-nos; depois o dono manda o seu filho, e também o matam. Porquê? O que é que correu mal? Há uma mensagem de Jesus nesta parábola.

O dono faz tudo bem, com amor: trabalha ele próprio, planta a vinha, rodeia-a com uma sebe para a proteger, cava um buraco para o lagar e constrói uma torre de vigia (cf. v. 33). Em seguida, confia a vinha a agricultores, alugando-lhes a sua preciosa propriedade e tratando-os assim com equidade, para que a vinha seja bem cultivada e dê fruto. Tendo em conta estas premissas, a vindima deveria terminar de forma feliz, num ambiente de festa, com uma partilha justa da colheita, para satisfação de todos.

Em vez disso, pensamentos *ingratos* e *ávidos* insinuaram-se no espírito dos agricultores. Vede que, na origem dos conflitos, há sempre pensamentos de ingratidão e de avidez, de posse imediata de coisas. “Não precisamos de dar nada ao patrão. O produto do nosso trabalho é só nosso. Não temos de prestar contas a ninguém”! Assim é o discurso desses trabalhadores. E isso não é verdade: deviam estar gratos pelo que receberam e pela forma como foram tratados. Pelo contrário, a ingratidão alimenta a avidez e cresce neles um progressivo sentimento de revolta, que os leva a ver a realidade de uma forma distorcida, a sentirem-se em crédito e não em dívida para com o dono que lhes deu trabalho. Quando veem o filho, chegam até a dizer: «Este é o herdeiro. Matemo-lo, e ficaremos com a sua herança»! (v. 38). E, de agricultores, tornam-se assassinos. É tudo um processo. E este processo acontece muitas vezes no coração das pessoas, também no nosso coração.

Com esta parábola, Jesus recorda-nos o que acontece quando o homem se ilude é autossuficiente e esquece a gratidão, esquece a realidade fundamental da vida: que o bem vem da graça de Deus, que o bem vem do seu dom gratuito. Quando se esquece disto, da gratuidade de Deus, acaba por viver a própria condição e a própria limitação já não com a alegria de se sentir amado e salvo, mas com a triste ilusão de não precisar nem de amor nem de salvação. Não nos deixamos amar e ficamos prisioneiros da própria avidez, prisioneiros da necessidade de ter algo mais do que os outros, de querer sobressair sobre os outros. É feio, este processo, e acontece-nos muitas vezes. Pensemos seriamente nisto. Daí nascem tantas insatisfações e recriminações, tantas incompreensões e tanta inveja; e, movidos pelo ressentimento, podemos precipitar no vórtice da violência. Sim, queridos irmãos e irmãs, a ingratidão gera violência, tira-nos a paz e faz-nos ouvir e

falar aos gritos, sem paz, enquanto um simples “obrigado” pode trazer a paz!

Perguntemo-nos então: tenho consciência de que recebi a vida e a fé como um dom? Apercebo-me de que eu mesmo, eu mesma sou um dom? Tenho consciência de que tudo começa com a graça do Senhor? Apercebo-me de que sou beneficiado sem mérito, amado e salvo gratuitamente? E, sobretudo, em resposta à graça, sei dizer “obrigado”? Sei dizer “obrigado”? As três palavras que são o segredo da convivência humana: obrigado, com licença, perdão. Será que sei dizer estas três palavras? Obrigado, com licença, perdão, desculpa. Sei como dizer estas três palavras? É uma pequena palavra, “obrigado” - é uma pequena palavra, “com licença”, é uma pequena palavra, “perdão” - esperada todos os dias de Deus e dos irmãos. Perguntemo-nos se esta pequena palavra, “obrigado”, “com licença”, “perdão, desculpa”, está presente na nossa vida. Sei agradecer, sei dizer “obrigado”? Sei pedir desculpa, perdão? Sei como não ser intrusivo – “com licença”? Obrigado, perdão, com licença.

Que Maria, cuja alma enaltece o Senhor, nos ajude a fazer da gratidão a luz que nasce todos os dias do coração.

Domingo, 15 de outubro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje fala-nos de um rei que prepara um banquete de núpcias para o seu filho (cf. *Mt 22, 1-14*). É um homem poderoso, mas é sobretudo um pai generoso, que convida a participar na sua alegria. Em particular, revela a bondade do seu coração no facto de não obrigar ninguém, mas convida todos, mesmo que este modo de agir o exponha à possibilidade de rejeição. Reparemos: ele prepara um banquete, oferecendo *gratuitamente* a oportunidade de se encontrar, de festejar. É isto que Deus prepara para nós: um banquete, para estarmos em comunhão com Ele e uns com os outros. E nós, todos nós, somos portanto *os convidados de Deus*. Mas um banquete de núpcias exige tempo e participação da nossa parte,

requer um “sim”: ir, responder ao convite do Senhor, Ele convida, mas deixa-nos livres.

É este o tipo de relação que o Pai nos oferece: chama-nos a estar com Ele, deixando-nos a possibilidade de aceitar ou não. Não nos propõe uma relação de sujeição, mas de paternidade e de filiação, necessariamente condicionada pelo nosso livre consentimento. Deus é muito respeitador da liberdade, muito respeitador. Santo Agostinho usa uma expressão muito bonita a este respeito, dizendo: «Deus, que te criou sem ti, não te pode salvar sem ti» (*Sermo CLXIX*, 13). E certamente não porque não tenha capacidade para isso - Ele é onnipotente! - mas porque, sendo amor, respeita plenamente a nossa liberdade. Deus propõe-se, não se impõe, nunca.

Voltamos assim à parábola: o rei - diz o texto - «mandou os seus servos chamar os convidados para o casamento, mas eles *não quiseram vir*» (v. 3). Aqui está o drama da história: o “não” a Deus. Mas porque recusam os homens o seu convite? Será porventura um convite desagradável? Não, e, no entanto, - diz o Evangelho - «não se importaram e foram uns para o seu campo, outros para os seus negócios» (v. 5). Não se importaram, porque pensavam nos seus próprios assuntos. E aquele rei que é pai, Deus, o que faz? Não desiste, continua a convidar, aliás alarga o convite, até encontrar quem o aceite, entre os pobres. Entre eles, que sabem que não têm muito, vêm em grande número, até encherem a sala (cf. vv. 8-10).

Irmãos e irmãs, quantas vezes não atendemos ao convite de Deus porque estamos ocupados com os nossos assuntos! Muitas vezes lutamos para ter o nosso tempo *livre*, mas hoje Jesus convida-nos a encontrar o tempo que liberta: o tempo a dedicar a Deus, que alivia e cura o nosso coração, que aumenta em nós a paz, a confiança e a alegria, que nos salva do mal, da solidão e da perda de sentido. Vale a pena, porque é bom estar com o Senhor, dar-lhe. Onde? Na Missa, na escuta da Palavra, na oração e também na caridade, pois ajudando quem é fraco ou pobre, fazendo companhia a quem está só, escutando quem pede atenção, consolando quem sofre, estamos com o Senhor, presente em quem está em necessidade. Muitos, porém, pensam que estas coisas são “perda de tempo” e fecham-se

no seu mundo privado; é triste. E isto gera tristeza. Quantos corações tristes! Porque estão fechados.

Perguntemo-nos então: como respondo eu aos convites de Deus? Que espaço lhe dou nos meus dias? A qualidade da minha vida depende dos meus negócios e do meu tempo livre ou do meu amor ao Senhor e aos irmãos, especialmente aos mais necessitados?

Maria, que com um “sim” abriu espaço para Deus, nos ajuda a não sermos surdos aos seus convites.

Domingo, 22 de outubro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho da liturgia de hoje diz-nos que alguns fariseus se unem aos herodianos para armar uma cilada a Jesus. Estavam sempre a procurar fazer-lhe armadilhas. Aproximam-se d’Ele e perguntam-lhe: «É lícito ou não pagar o tributo a César?» (Mt 22, 17). É um engano: se Jesus legitima o imposto, coloca-se do lado de um poder político mal tolerado pelo povo, enquanto que, se diz para não o pagar, pode ser acusado de rebelião contra o império. Uma verdadeira armadilha. Mas ele escapa a esta cilada. Pede-lhes que lhe mostrem uma moeda, que tem a imagem de César, e diz: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (v. 21). O que significa isto?

Estas palavras de Jesus tornaram-se de uso corrente, mas por vezes foram mal utilizadas - ou pelo menos redutoras - para falar da relação entre a Igreja e o Estado, entre os cristãos e a política; muitas vezes são entendidas como se Jesus quisesse separar “César” e “Deus”, isto é, a realidade terrena e a realidade espiritual. Às vezes também pensamos assim: a fé com as suas práticas é uma coisa e a vida quotidiana é outra. E isso é errado. É uma “esquizofrenia”, como se a fé não tivesse nada a ver com a vida concreta, com os desafios da sociedade, com a justiça social, com a política, etc.

Na realidade, Jesus quer ajudar-nos a colocar “César” e “Deus” cada um no seu devido lugar. A César - isto é, à política, às instituições civis, aos processos sociais e económicos - pertence o cuidado da ordem terrena; e nós, que estamos imersos nesta realidade, devemos devolver à sociedade o que ela nos oferece através do nosso contributo como cidadãos responsáveis, cuidando do que nos é confiado, promovendo o direito e a justiça no mundo do trabalho, pagando honestamente os impostos, empenhando-nos no bem comum, etc. Ao mesmo tempo, porém, Jesus afirma a realidade fundamental: que o homem pertence a Deus, *o homem todo e todo o ser humano*. E isto significa que não pertencemos a nenhuma realidade terrena, a nenhum “César” de turno. Pertencemos ao Senhor e não devemos ser escravos de nenhum poder mundano. Na moeda, portanto, está a imagem do imperador, mas Jesus lembra-nos que na nossa vida está gravada a imagem de Deus, que nada nem ninguém pode ofuscar. A César pertencem as coisas deste mundo, mas o homem e o próprio mundo pertencem a Deus: não nos esqueçamos disso!

Compreendamos, então, que Jesus está a restituir cada um de nós à própria identidade: na moeda deste mundo está a imagem de César, mas tu - eu, cada um de nós - que imagem trazes dentro de ti? Façamos esta pergunta a nós próprios: eu, que imagem trago dentro de mim? Tu, que imagem trazes na tua vida? Lembremo-nos de que pertencemos ao Senhor, ou deixamo-nos moldar pela lógica do mundo e fazemos do trabalho, da política, do dinheiro os nossos ídolos a adorar?

Que a Virgem Santíssima nos ajude a reconhecer e a honrar a nossa dignidade e a de cada ser humano.

Domingo, 29 de outubro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje fala-nos do *maior dos mandamentos* (cf. Mt 22, 34-40). Um doutor da lei interroga Jesus sobre o assunto e Ele responde com o “grande mandamento do amor”: «Amarás o Senhor teu Deus com

todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente [... e] o teu próximo como a ti mesmo» (vv. 37.39). Amor a Deus e ao próximo, inseparáveis um do outro. Reflitamos um pouco sobre isto.

O primeiro: o facto de o amor ao Senhor vir em primeiro lugar recorda-nos que Deus nos precede sempre, antecipa-nos com a sua ternura infinita (cf. *1 Jo* 4, 19), com a sua proximidade, com a sua misericórdia, porque Ele está sempre próximo, é terno e misericordioso. A criança aprende a amar no colo da mãe e do pai, e nós fazemo-lo nos braços de Deus. O Salmo diz: «Como uma criança saciada no colo da sua mãe» (131, 2), assim devemos sentir-nos nos braços de Deus. E é aí que absorvemos o afeto do Senhor, é aí que encontramos o amor que nos impele a doarmo-nos generosamente. São Paulo recorda-o quando diz que a caridade de Cristo tem em si uma força que impele a amar (cf. *2 Cor* 5, 14). E tudo parte d'Ele. Não podeis amar seriamente os outros se não tiverdes esta raiz, que é o amor de Deus, o amor de Jesus. E agora o segundo aspeto que transparece do mandamento do amor. Ele liga o amor a Deus ao amor ao próximo: significa que, amando os irmãos, refletimos, como espelhos, o amor do Pai. *Refletir o amor de Deus*, eis o objetivo; amar a Ele, que não vemos, através do irmão que vemos (cf. *1 Jo* 4, 20). Um dia, Santa Teresa de Calcutá, a um jornalista que lhe perguntou se, com o que fazia, tinha a convicção de mudar o mundo, respondeu: «Nunca pensei que pudesse mudar o mundo! Apenas procuro ser uma gota de água limpa, na qual o amor de Deus possa brilhar» (*Encontro com jornalistas após receber o Prémio Nobel da Paz*, Roma, 1979). Foi assim que ela, tão pequena, foi capaz de fazer tanto bem: refletindo o amor de Deus como uma gota. E se, por vezes, olhando para ela e para os outros santos, chegamos a pensar que são heróis inimitáveis, voltemos a pensar nesta pequena gota: o amor é uma gota que pode mudar tantas coisas. E como se faz isso? Dando o primeiro passo, sempre. Às vezes não é fácil dar o primeiro passo, esquecer as coisas..., dar o primeiro passo. Mãos à obra! Esta é a gota: dar o primeiro passo.

Então, queridos irmãos e irmãs, pensando no amor de Deus que nos precede sempre, podemos perguntar-nos: estou grato ao Senhor, que me ama primeiro? Sinto o amor de Deus e estou-lhe grato? E procuro refletir o seu amor? Comprometo-me a amar os irmãos, a dar este segundo passo?

Que a Virgem Maria nos ajude a viver o grande mandamento do amor na nossa vida quotidiana: amar e deixar-se amar por Deus e amar os irmãos.

SOLENNIDADE DE TODOS OS SANTOS

Quarta-feira, 1º de novembro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia e boa festa!

Hoje celebramos a solenidade de Todos os Santos. À luz desta festa, paremos um pouco para refletir sobre a santidade, em particular sobre duas características da verdadeira santidade: é um dom - é um dom, não se compra - e ao mesmo tempo é um *caminho*. Um *dom* e um *caminho*.

Primeiro, um *dom*. A santidade é um dom de Deus que recebemos no Batismo: se o deixarmos crescer, pode mudar completamente a nossa vida (cf. Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, 15). Os santos não são heróis inalcançáveis ou distantes, mas são pessoas como nós, são nossos amigos, cujo ponto de partida é o mesmo dom que recebemos: o Batismo. De facto, se pensarmos bem, conhecemos certamente alguns, alguns santos de todos os dias, alguns justos, algumas pessoas que vivem a vida cristã com seriedade, com simplicidade... são aqueles a que gosto de chamar “os santos da porta ao lado”, que vivem normalmente entre nós. A santidade é um dom oferecido a todos para uma vida feliz. E, afinal, quando recebemos um presente, qual é a primeira reação? É precisamente a de ficarmos felizes, porque isso significa que alguém nos ama; e o dom da santidade torna-nos felizes porque Deus nos ama.

Mas toda a dádiva deve ser aceite, e traz consigo a responsabilidade de uma resposta, um “obrigado”. Mas como se diz este “obrigado”? É um convite a empenhar-se para que o dom não seja desperdiçado. Todos os batizados receberam o mesmo apelo para «manter e aperfeiçoar com a sua vida a santidade que recebemos» (*Lumen Gentium*, 40). E assim chegamos ao segundo ponto - a santidade é também um caminho, um caminho a

percorrer juntos, ajudando-nos mutuamente, unidos àqueles excelentes companheiros de escalada que são os santos.

São os nossos irmãos e irmãs mais velhos, com os quais podemos contar sempre: os santos apoiam-nos e, quando erramos no caminho, com a sua presença silenciosa não deixam de nos corrigir; são amigos sinceros, em quem podemos confiar, porque desejam o nosso bem. Nas suas vidas encontramos um exemplo, nas suas orações recebemos ajuda e amizade, e com eles estamos ligados por um laço de amor fraterno.

A santidade é um caminho, é um dom. Por isso, podemos perguntar-nos: lembro-me que recebi o dom do Espírito Santo, que me chama à santidade e me ajuda a chegar lá? Agradeço ao Espírito Santo por isso, pelo dom da santidade? Sinto os santos perto de mim, falo com eles, dirijo-me a eles? Conheço a história de alguns deles? Faz-nos bem conhecer a vida dos santos e deixarmo-nos comover pelos seus exemplos. E faz-nos muito bem dirigirmo-nos a eles na oração.

Que Maria, Rainha de todos os Santos, nos faça sentir a alegria do dom recebido e aumente em nós o desejo da meta eterna.

Domingo, 5 de novembro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho da liturgia de hoje, ouvimos algumas palavras de Jesus a respeito dos escribas e fariseus, isto é, dos chefes religiosos do povo. Em relação a estas autoridades, Jesus usa palavras muito duras, «porque dizem e não fazem» (Mt 23, 3) e «fazem todas as suas obras para serem admirados pelo povo» (v. 5). É isto que Jesus diz: dizem e não fazem, e tudo o que fazem é para aparecer.

Detenhamo-nos, pois, nestes dois aspetos: *a distância entre o dizer e o fazer e o primado do exterior sobre o interior.*

A distância entre o dizer e o fazer. A estes mestres de Israel, que pretendem ensinar aos outros a Palavra de Deus e ser respeitados como autoridades do Templo, Jesus contesta a duplicidade da vida deles: pregam uma coisa, mas vivem outra. Estas palavras de Jesus recordam as dos profetas, especialmente de Isaías: «Este povo aproxima-se de mim só com a boca e honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim» (Is 29, 13). É este o perigo a que devemos estar atentos: a duplicidade de coração. Também nós corremos este perigo: esta duplicidade de coração que põe em causa a autenticidade do nosso testemunho e também a nossa credibilidade como pessoas e como cristãos.

Todos nós experimentamos, devido à nossa fragilidade, uma certa distância entre o dizer e o fazer; mas outra coisa é ter um coração duplo, viver com “um pé em dois sapatos” sem fazer disso um problema. Sobretudo quando somos chamados - na vida, na sociedade ou na Igreja - a desempenhar um papel de responsabilidade, lembremo-nos disto: não à duplicidade! Para um sacerdote, um agente pastoral, um político, um professor ou um pai, aplica-se sempre esta regra: o que se diz, o que se prega aos outros, compromete-se a vivê-lo primeiro. Para ser um mestre com autoridade, é preciso primeiro ser uma testemunha credível.

O segundo aspeto é uma consequência: *o primado do exterior sobre o interior*. De facto, vivendo na duplicidade, os escribas e os fariseus preocupam-se em ter de esconder a sua incoerência para salvar a sua reputação exterior. Porque, se as pessoas soubessem o que deveras está no seu coração, ficariam envergonhadas e perderiam toda a credibilidade. Por isso, fazem obras para parecerem justos, para “salvar as aparências”, como se dizem. O truque é muito comum: pintam a cara, pintam a vida, pintam o coração. Estas pessoas “pintadas” não sabem viver a verdade. E muitas vezes também nós temos a tentação da duplicidade.

Irmãos e irmãs, aceitando esta advertência de Jesus, perguntemo-nos também a nós mesmos: procuramos praticar o que pregamos, ou vivemos na duplicidade? Dizemos uma coisa e fazemos outra? Preocupamo-nos apenas em mostrar-nos impecáveis por fora, pintados, ou cuidamos da nossa vida interior com sinceridade de coração?

Dirijamo-nos à Virgem Maria: ela que viveu com integridade e humildade de coração segundo a vontade de Deus, nos ajude a tornarmos-nos testemunhas credíveis do Evangelho.

Domingo, 12 de novembro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho de hoje oferece-nos uma história que diz respeito ao sentido da vida de cada pessoa. É a parábola das dez virgens, chamadas a sair ao encontro do esposo (cf. *Mt 25, 1-13*). Viver é isto: uma grande preparação para o dia em que seremos chamados a sair ao encontro de Jesus! Na parábola, porém, dessas dez virgens, cinco são sábias e cinco insensatas. Vejamos em que consistem a sabedoria e a insensatez. A sabedoria da vida e a insensatez da vida.

Todas aquelas damas de honra estão ali para acolher o esposo, isto é, querem encontrá-lo, tal como nós também desejamos uma realização feliz da vida: a diferença entre a sabedoria e a insensatez não reside, portanto, na boa vontade. Nem na pontualidade com que se chega ao encontro: todas estavam lá. A diferença entre as sábias e as insensatas é outra: a preparação. O texto diz: as sábias «juntamente com as suas lâmpadas, levaram também o azeite» (v. 4); as insensatas não o fizeram. Eis a diferença: o óleo. E qual é uma das características do óleo? O facto de não se ver: está dentro das lâmpadas, não dá nas vistas, mas sem ele as lâmpadas não dão luz.

Olhemos para nós próprios e vejamos que a nossa vida corre o mesmo risco: muitas vezes estamos muito atentos às aparências, o importante é cuidar bem da nossa imagem, causar uma boa impressão perante os outros. Mas Jesus diz que a sabedoria da vida está noutro lado: no cuidado com o que não se vê, mas, mais importante, no cuidado com o coração. *O cuidado da vida interior*. Trata-se de saber parar e escutar o coração, de vigiar sobre os pensamentos e os sentimentos. Quantas vezes não sabemos o que se passa dentro do nosso coração nesse dia. O que se passa dentro de cada um de nós? A sabedoria é saber dar espaço ao silêncio, é saber ouvirmo-nos a

nós próprios e aos outros. É saber renunciar ao tempo passado diante do ecrã do telemóvel para fitar a luz nos olhos dos outros, no nosso próprio coração, no olhar de Deus sobre nós. Significa não nos deixarmos aprisionar pelo ativismo, mas dedicar tempo ao Senhor, à escuta da sua Palavra.

E o Evangelho dá-nos o conselho certo para não negligenciarmos o óleo da vida interior, “o óleo da alma”: diz-nos que é importante *prepará-lo*. De facto, na narração vemos que as virgens já têm as lâmpadas, mas devem preparar o óleo: devem ir aos negociantes, comprá-lo, colocá-lo nas lâmpadas... (cf. vv. 7.9). Assim é para nós: a vida interior não pode ser improvisada, não é uma questão de um momento, de uma vez por outra, de uma vez por todas; deve ser preparada dedicando um pouco de tempo todos os dias, com constância, como se faz para todas as coisas importantes.

Então podemos perguntar-nos: o que estou a preparar neste momento da vida? Dentro de mim, o que estou a preparar? Talvez esteja a tentar poupar, esteja a pensar numa casa ou num carro novo, em projetos concretos... São coisas boas, não são más. Mas será que estou também a pensar em dedicar tempo ao cuidado do coração, à oração, ao serviço dos outros, ao Senhor que é o objetivo da vida? Em suma, como está o óleo da minha alma? Perguntemo-nos cada um de nós: como está o óleo da minha alma? Alimento-o, conservo-o bem?

Que Nossa Senhora nos ajude a conservar o óleo da vida interior.

Domingo, 19 de novembro de 2023

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje apresenta-nos a parábola dos talentos (cf. *Mt* 25, 14-30). Um homem ao partir confia os seus talentos, isto é, os seus bens, um “capital”, aos servos: os talentos eram uma unidade monetária. Distribui-os de acordo com as capacidades de cada um. Quando regressa, pede-lhes contas do que fizeram. Dois deles duplicaram o que receberam e

o senhor elogia-os, enquanto o terceiro, por medo, enterrou o seu talento e só o pode devolver, razão pela qual recebe uma severa repreensão. Olhando para esta parábola, podemos aprender duas maneiras diferentes de nos aproximarmos de Deus.

A primeira é a daquele que enterra o talento que recebeu, que não sabe ver as riquezas que Deus lhe deu: não confia nem no seu senhor nem em si próprio. Com efeito, diz ao seu senhor: «Sei que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste» (v. 24). Sente medo em relação a ele. Não vê a estima, não vê a confiança que o senhor deposita nele, mas vê apenas as ações de um senhor que exige mais do que dá, de um juiz. É esta a imagem que ele tem de Deus: não consegue acreditar na sua bondade, não consegue acreditar na bondade do Senhor para conosco. É por isso que fica bloqueado e não se deixa envolver na missão que recebeu.

Vemos depois a segunda via, nos outros dois protagonistas, que retribuem a confiança do seu senhor, confiando nele por sua vez. Estes dois investem tudo o que receberam, mesmo sem saberem de antemão se tudo correrá bem: estudam, veem as possibilidades e procuram prudentemente o melhor; aceitam o risco de se colocarem em jogo. Confiam, estudam e arriscam. Assim têm a coragem de atuar livremente, com criatividade, gerando novas riquezas (cf. vv. 20-23).

Irmãos e irmãs, esta é a encruzilhada com que nos confrontamos diante de Deus: medo ou confiança. Ou se tem medo diante de Deus ou se confia no Senhor. E nós, como os protagonistas da parábola - todos nós -, recebemos talentos, todos, muito mais preciosos do que o dinheiro. Mas muito do modo como os investimos depende da nossa confiança no Senhor, que liberta o coração, nos torna ativos e criativos no bem. Não vos esqueçais disto: a confiança liberta, sempre, o medo paralisa. Lembrai-vos: o medo paralisa, a confiança liberta. Isto também é verdade na educação dos filhos. E perguntemo-nos: acredito que Deus é Pai e que me confia dons porque tem confiança em mim? E eu, confio n'Ele ao ponto de me pôr em jogo sem desanimar, mesmo quando os resultados não são certos nem garantidos? Sei dizer todos os dias na oração: «Senhor, confio em ti, dá-me

força para ir em frente; confio em ti, nas coisas que me deste; faz com que eu saiba como realizá-las».

Por fim, também como Igreja: cultivamos nos nossos ambientes um clima de confiança, de estima mútua, que nos ajude a avançar juntos, que desbloqueie as pessoas e estimule a criatividade do amor em todos? Reflitamos sobre isto.

E que a Virgem Maria nos ajude a superar o medo - nunca ter medo de Deus! Temor sim, medo não - e confiar no Senhor.

Domingo, 26 de novembro de 2023

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje não posso ir à janela porque tenho um problema de inflamação nos pulmões e será Mons. Braida a ler a reflexão porque é ele que a prepara e fá-la sempre muito bem! Muito obrigado pela vossa presença.

Hoje, último domingo do ano litúrgico e solenidade de *Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo*, o Evangelho fala-nos do Juízo Final (cf. *Mt* 25, 31-46) e diz-nos que será sobre a caridade.

A cena que nos apresenta é a de uma sala real, na qual Jesus, «o Filho do Homem» (v. 31), está sentado num trono. Todos os povos estão reunidos aos seus pés e entre eles sobressaem «os benditos» (v. 34), os amigos do rei. Mas quem são eles? Que têm de especial estes amigos aos olhos do seu Senhor? Segundo os critérios do mundo, os amigos do rei deveriam ser aqueles que lhe deram riqueza e poder, que o ajudaram a conquistar territórios, a vencer batalhas, a tornar-se grande entre outros soberanos, talvez a aparecer como stars nas primeiras páginas dos jornais ou nas redes sociais, e a eles deveria dizer: «Obrigado, porque me tornaste rico e famoso, invejado e temido». Isto de acordo com os critérios do mundo.

Mas, segundo os critérios de Jesus, os seus amigos são outros: são aqueles que o serviram nos mais fracos. Isto porque o Filho do Homem é um Rei completamente diferente, que chama “irmãos” aos pobres, que se identifica com os famintos, os sedentos, os estrangeiros, os doentes, os presos, e diz: «Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes» (v. 40). É um Rei sensível ao problema da fome, à necessidade de uma casa, à doença e à prisão (cf. vv. 35-36): realidades infelizmente sempre muito atuais. Pessoas famintas, desabrigadas, muitas vezes vestidas como podem, enchem as nossas ruas: encontramos-las todos os dias. E mesmo no que diz respeito à enfermidade e à prisão, todos sabemos o que significa estar doente, cometer erros e pagar as consequências.

Ora, o Evangelho de hoje diz-nos que se é “bendito” quando se responde a estas pobrezaas com amor, com serviço: não virando as costas, mas dando de comer e beber, vestindo, abrigando, visitando, numa palavra, estando próximo de quem precisa. E isto porque Jesus, o nosso Rei que se diz Filho do homem, tem as suas irmãs e irmãos prediletos nas mulheres e nos homens mais frágeis. A sua “sala real” está instalada onde há quem sofre e precisa de ajuda. Esta é a “corte” do nosso Rei. E o estilo com que os seus amigos, aqueles que têm Jesus por Senhor, são chamados a distinguir-se é o seu próprio estilo: compaixão, misericórdia, ternura. Enobrecem o coração e descem como óleo sobre as chagas de quem é ferido pela vida.

Por isso, irmãos e irmãs, perguntemo-nos: acreditamos que a verdadeira realeza consiste na misericórdia? Acreditamos na força do amor? Acreditamos que a caridade é a manifestação mais régia do homem e uma exigência irrenunciável para o cristão? E, por fim, uma pergunta particular: sou amigo do Rei, isto é, sinto-me pessoalmente envolvido nas necessidades dos sofredores que encontro no meu caminho?

Maria, Rainha do Céu e da Terra, nos ajude a amar Jesus, nosso Rei, nos seus irmãos mais pequeninos.

Domingo, 3 de dezembro de 2023

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Também hoje não poderei ler tudo: estou a melhorar, mas a minha voz ainda não está em condições. O Monsenhor Braida vai ler a catequese.

Hoje, primeiro domingo do Advento, no breve Evangelho que a liturgia nos propõe (cf. *Mc* 13, 33-37), Jesus dirige-nos por três vezes uma exortação simples e direta: «Vigiai» (vv. 33.35.37).

O tema é, portanto, a *vigilância*. Como a devemos entender? Por vezes, pensamos nesta virtude como uma atitude motivada pelo medo de um castigo iminente, como se um meteorito estivesse prestes a cair do céu e ameaçasse atingir-nos, se não nos desviássemos a tempo. Mas não é certamente este o sentido da vigilância cristã!

Jesus ilustra-o com uma parábola, falando de um senhor que regressa e dos seus servos que o esperam (cf. v. 34). Na Bíblia, o servo é a “pessoa de confiança” do senhor, com quem existe frequentemente uma relação de cooperação e de afeto. Consideremos, por exemplo, que o servo de Deus é definido como Moisés (cf. *Nm* 12, 7) e que também Maria diz de si mesma: «Eis a serva do Senhor» (*Lc* 1, 38). A vigilância dos servos não é, pois, feita de medo, mas de desejo, à espera de encontrar o seu senhor que vem. Preparam-se para o seu regresso porque o amam, porque têm em mente que, quando ele chegar, encontrará uma casa acolhedora e ordenada: estão felizes por o verem de novo, a ponto de esperarem o seu regresso como uma festa para toda a grande família da qual fazem parte.

É com esta expectativa afetiva que também nós queremos preparar-nos para acolher Jesus: no Natal, que celebraremos daqui a poucas semanas; no fim dos tempos, quando ele voltar glorioso; todos os dias, quando ele vier ao nosso encontro na Eucaristia, na sua Palavra, nos irmãos e irmãs, especialmente os mais necessitados.

Por isso, de modo especial durante estas semanas, preparemos cuidadosamente a casa do coração, para que seja ordenada e acolhedora. Vigiar, de facto, significa manter o coração preparado. É a atitude da

sentinela que, durante a noite, não se deixa tentar pelo cansaço, não adormece, mas permanece acordada na expectativa da luz que há de vir. O Senhor é a nossa luz e é bom preparar o coração para o acolher com a oração e para o hospedar com a caridade, os dois preparativos que, por assim dizer, o põem à vontade. A este propósito, conta-se que São Martinho de Tours, homem de oração, depois de ter dado metade do seu manto a um pobre, sonhou com Jesus vestido precisamente com aquela parte do manto que tinha dado. Eis um belo programa para o Advento: encontrar Jesus que vem em cada irmão e irmã que precisa de nós e partilhar com eles o que pudermos: escuta, tempo, ajuda concreta.

Caríssimos, faz-nos bem perguntarmo-nos hoje como podemos preparar um coração acolhedor para o Senhor. Podemos fazê-lo aproximando-nos do seu perdão, da sua Palavra, da sua mesa, encontrando espaço para a oração, acolhendo-o em quem precisa. Cultivemos a Sua espera sem nos distrairmos com tantas coisas inúteis e sem nos queixarmos continuamente, mas mantendo o nosso coração alerta, isto é, desejoso d'Ele, desperto e pronto, impaciente para O encontrar.

Que a Virgem Maria, mulher da espera, nos ajude a acolher o seu Filho que vem.

Sexta-feira, 8 de dezembro de 2023

Amados irmãos e irmãs, bom dia e boa festa!

Hoje, Solenidade da Imaculada Conceição, o Evangelho apresenta-nos a cena da Anunciação (cf. *Lc* 1, 26-38). Ela mostra duas atitudes de Maria que ajudam a compreender como ela guardou o dom único que recebeu, o de um coração totalmente livre do pecado. E estas duas atitudes são a *admiração* perante as obras de Deus e a *fidelidade* nas coisas simples.

Vejamos a primeira: a *admiração*. O Anjo diz a Maria: «Alegra-te, ó cheia de graça: o Senhor está contigo» (v. 28) e o evangelista Lucas nota que a Virgem «ficou muito perturbada e interrogava-se sobre o significado

dessas palavras» (v. 29). Ela fica surpreendida, impressionada, perturbada: fica espantada quando lhe chamam “cheia de graça” - Nossa Senhora é humilde, isto é, cheia do amor de Deus. É uma atitude nobre: saber maravilhar-se com os dons do Senhor, sem nunca os dar por certos, apreciando o seu valor, alegrando-se com a confiança e a ternura que eles trazem. E é também importante testemunhar essa admiração perante os outros, falando humildemente dos dons de Deus, do bem recebido, e não apenas dos problemas quotidianos. Ser mais positivo. Podemos perguntar-nos: sou capaz de me admirar com as obras de Deus? Por vezes, sinto-me maravilhado e partilho-o com alguém? Ou procuro sempre as coisas más, as coisas tristes?

E chegamos à segunda atitude: a *fidelidade nas coisas simples*. O Evangelho, antes da Anunciação, não diz nada sobre Maria. Apresenta-a como uma jovem simples, aparentemente igual a tantas outras que viviam na sua aldeia. Uma jovem que, precisamente graças à sua simplicidade, conservou puro aquele Coração Imaculado com o qual, pela graça de Deus, foi concebida. E também isto é importante, porque, para acolher os grandes dons de Deus, é decisivo saber valorizar aqueles que são mais comuns e menos aparentes.

Foi precisamente com da *fidelidade quotidiana no bem* que Nossa Senhora deixou crescer nela o dom de Deus; foi assim que ela se formou para responder ao Senhor, para lhe dizer “sim” com toda a sua vida.

Então perguntemo-nos: acredito que o importante, quer nas situações diárias quer no caminho espiritual, é a fidelidade a Deus? E, se acredito nisto, encontro tempo para ler o Evangelho, para rezar, para participar na Eucaristia e receber o Perdão sacramental, para fazer algum gesto concreto de serviço gratuito? Estas pequenas escolhas quotidianas são decisivas para acolher a presença do Senhor.

Que Maria Imaculada nos ajude a maravilharmo-nos com os dons de Deus e a responder-lhes com a generosidade fiel todos os dias.

Domingo, 10 de dezembro de 2023

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste segundo domingo de Advento, o Evangelho fala-nos de João Batista, o precursor de Jesus (cf. *Mc* 1,1-8), e descreve-o como «a voz de quem grita no deserto» (v. 3). O deserto, lugar vazio, onde não se comunica, e a voz, meio para falar, parecem duas imagens contraditórias, mas no Batista elas conjugam-se.

O *deserto*. João prega ali, junto do rio Jordão, perto do ponto onde o seu povo, muitos séculos antes, tinha entrado na terra prometida (cf. *Js* 3,1-17). Ao fazê-lo, é como se dissesse: para escutar Deus, é preciso voltar ao lugar onde, durante quarenta anos, Ele acompanhou, protegeu e educou o seu povo, no deserto. É o lugar do silêncio e da essencialidade, onde não podemos dar-nos ao luxo de nos determos em coisas inúteis, mas devemos concentrar-nos no que é indispensável para viver.

E esta é uma chamada de atenção sempre atual: para prosseguir no caminho da vida é necessário despojar-se daquele “mais”, pois viver bem não significa encher-se de coisas inúteis, mas livrar-se do supérfluo, para ir ao fundo de si mesmo, para captar o que é verdadeiramente importante diante de Deus. Só se, através do silêncio e da oração, dermos espaço a Jesus, que é a Palavra do Pai, é que nos poderemos libertar da poluição das palavras vãs e da tagarelice. O silêncio e a sobriedade - nas palavras, no uso das coisas, dos meios de comunicação social e das redes sociais - não são apenas “sacrifícios” ou virtudes, são elementos essenciais da vida cristã.

E chegamos à segunda imagem, a voz. Ela é o instrumento com o qual manifestamos o que pensamos e trazemos no coração. Compreendemos então que ela está muito ligada ao silêncio, porque exprime o que amadurece no interior, a partir da escuta do que o Espírito nos sugere. Irmãos e irmãs, se alguém não souber ficar em silêncio, dificilmente terá algo de bom para dizer; ao passo que, quanto mais atento for o silêncio, mais forte será a palavra. Em João Batista, essa voz está ligada à genuinidade da sua experiência e à clareza do seu coração.

Podemos interrogar-nos: que lugar ocupa o silêncio no meu dia a dia? É um silêncio vazio, talvez opressivo, ou um espaço de escuta, de oração, de guarda do coração? A minha vida é sóbria ou está cheia de coisas supérfluas? Mesmo que isso signifique ir contra a corrente, valorizemos o silêncio, a sobriedade e a escuta. Que Maria, Virgem do silêncio, nos ajude a amar o deserto, a tornarmo-nos vozes credíveis que anunciam o seu Filho que vem.

Domingo, 17 de dezembro de 2023

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, terceiro domingo do Advento, o Evangelho fala-nos da missão de João Batista (cf. Jo 1, 6-8.19-28), indicando-o como profeta enviado por Deus para «dar testemunho da luz» (v. 8). Reflitamos sobre isto: dar testemunho da luz.

O testemunho. O Batista é certamente um homem extraordinário. As pessoas acorrem para o ouvir, atraídas pela sua maneira de ser, coerente e sincera (cf. vv. 6-7). O seu testemunho passa pela franqueza da linguagem, a honestidade do comportamento, a austeridade da vida. Tudo isto o torna diferente de outras pessoas famosas e poderosas da época, que ao contrário investiam muito na aparência. Pessoas como ele, íntegras, livres e corajosas, são figuras luminosas e fascinantes: inspiram-nos a sair da mediocridade e a ser, por nossa vez, modelos de vida boa para os outros. O Senhor envia homens e mulheres assim em todas as épocas. Sabemos reconhecê-los? Procuramos aprender com o seu testemunho, pondo-nos até em questão? Ou deixamo-nos encantar por personagens da moda? E assumimos atitudes superficiais.

João, pelo contrário, é luminoso na medida em que dá testemunho da luz. Mas qual é a sua luz? Ele próprio nos responde, quando diz claramente às multidões, que se aglomeravam para o ouvir, que ele não é a luz, que não é o Messias (cf. vv. 19-20). A luz é Jesus, o Cordeiro de Deus, “Deus que salva”. Só ele redime, liberta, cura e ilumina. Por isso, João é uma “voz”

que acompanha os irmãos à Palavra; ele serve, sem procurar honras nem protagonismo: é uma lâmpada, enquanto a luz é Cristo vivo (cf. vv. 26-27; Jo 5, 35).

Irmãos e irmãs, o exemplo de João Batista ensina-nos pelo menos duas coisas. Primeiro, que não nos podemos salvar sozinhos: só em Deus encontramos a luz da vida. E, em segundo lugar, que cada um de nós, com o serviço, a coerência, a humildade, com o testemunho de vida - e sempre com a graça de Deus - pode ser uma lâmpada que brilha e ajuda os outros a encontrar o caminho do encontro com Jesus.

Então perguntemo-nos: como posso eu, nos ambientes em que vivo, não um dia distante, mas já agora, neste Natal, ser testemunha de luz, testemunha de Cristo? Maria, espelho de santidade, nos ajude a ser homens e mulheres que refletem Jesus, a luz que vem ao mundo.

Domingo, 24 de dezembro de 2023

Queridos irmãos e irmãs, feliz domingo!

Hoje, no quarto domingo do Advento, o Evangelho apresenta-nos a cena da Anunciação (cf. *Lc* 1, 26-38). O anjo, para explicar a Maria como conceberá Jesus, diz-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti, e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” (v. 35). Vamos parar um pouco nesta imagem, a sombra.

Numa terra como a de Maria, perenemente ensolarada, uma nuvem passageira, uma árvore resistente à seca que oferece abrigo, uma tenda hospitaleira proporcionam alívio e proteção. A sombra é um dom que restaura, e o anjo descreve assim, precisamente, o modo como o Espírito Santo desce sobre Maria, o caminho de agir de Deus: Deus actua sempre como um amor suave que abraça, que fecunda, que protege, sem violência, sem ferir a liberdade. Essa é a maneira de agir de Deus.

A sombra que protege é uma imagem recorrente na Bíblia. Pensemos na sombra que acompanha o povo de Deus no deserto (cf. *Ex* 13,21-22). A sombra manifesta, em suma, a bondade de Deus. É como se Ele tivesse dito a Maria, mas também a todos nós: "Estou aqui para ti e me ofereço como teu refúgio e proteção: fica sob a minha sombra, fica comigo". Irmãos e irmãs, assim se comporta o amor fecundo de Deus. E é algo que, em certo sentido, também podemos experimentar entre nós, por exemplo, quando entre amigos, noivos, esposos, pais e filhos, somos delicados, somos respeitosos, cuidando dos outros com amabilidade. Pensemos na bondade de Deus.

Deus ama assim e também nos convida a fazer o mesmo: acolhendo, protegendo, respeitando os outros. Pensar em todos, pensar em quem é marginalizado, quem nestes dias está longe da alegria do Natal. Pensemos em todos com a bondade de Deus. Recordai esta palavra: a bondade de Deus.

E então perguntemo-nos, na véspera do Natal: "Desejo deixar-me envolver pela sombra do Espírito Santo, pela doçura e pela mansidão de Deus, pela bondade de Deus, guardando-lhe um lugar no meu coração, aproximando-me do seu perdão, da Eucaristia? E deppis: para que pessoas só e necessitadas poderia eu ser uma sombra que repara, uma amizade que conforta?"

Que Maria nos ajude a estar disponíveis, acolhedores na presença de Deus, que com mansidão nos vem salvar.

FESTA DE SANTO ESTEVÃO PROTOMÁRTIR

Domingo, 24 de dezembro de 2023

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, logo após o Natal, celebramos a festa de Santo Estêvão, primeiro mártir. E encontramos o relato do seu martírio nos Atos dos Apóstolos (cf.

capítulos 6-7), que o descrevem como um homem de boa reputação, que servia às mesas num serviço de caridade (cf. 6,3).E precisamente por causa desta integridade generosa, ele não pode deixar de testemunhar o que lhe é mais precioso: testemunhar a fé em Jesus, que provoca a ira dos seus adversários, que o matam apedrejando-o sem piedade. Tudo acontece diante de um jovem, Saulo, zeloso perseguidor dos cristãos, que atua como “tesemunha” da execução (cf. 7,58).

Pensemos um pouco nesta cena: Saulo e Estêvão, o perseguidor e o perseguido. Entre eles parece haver um muro impenetrável, tão duro como o fundamentalismo do jovem fariseu e como as pedras atiradas contra o condenado à morte. Contudo, para além das aparências, há algo mais forte que os une: através do testemunho de Estêvão, de facto, o Senhor já prepara no coração de Saulo, sem que ele se aperceba, a conversão que o levará a ser um grande apóstolo. Estêvão, o seu serviço, a sua oração e a fé que proclama, a sua coragem e sobretudo o seu perdão à beira da morte, não são em vão. Dizia-se que em tempos de perseguição – e ainda hoje é justo dizê-lo – o sangue dos mártires é semente dos cristãos. Parecem não terminar em nada, mas na realidade o seu sacrifício lança uma semente que, a contracorrente das pedras, é plantada, escondida, no peito do seu pior rival.

Hoje, dois mil anos depois, vemos com tristeza que a perseguição continua: há perseguição aos cristãos... ainda há -e são muitos- os que sofrem e morrem por dar testemunho de Jesus, como também outros são penalizados a diversos níveis, por se comportarem de maneira diferente, coerente com o Evangelho, e ainda outros que lutam todos os dias para permanecerem fiéis, sem alarde, aos seus bons deveres, enquanto o mundo ri deles e prega outra coisa. Esses irmãos e irmãs também podem parecer fracassados, mas hoje vemos que não é assim. De facto, agora como então, a semente dos seus sacrifícios, que parecia morrer, brota e dá fruto, porque Deus, através deles, continua a fazer maravilhas (cf. *Act 18, 9-10*), a mudar os corações e a salvar os homens.

Perguntemo-nos então: preocupo-me e rezo por aqueles que, em diversas partes do mundo, continuam a sofrer e a morrer pela sua fé? Tantos que são assassinados por causa da sua fé. E, por sua vez, procuro dar

testemunho do Evangelho com coerência, mansidão e confiança? Creio que a semente do bem dará frutos ainda que não se vejam resultados imediatos?

Maria, Rainha dos mártires, ajuda-nos a dar testemunho de Jesus.

FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ

Domingo, 31 de dezembro de 2023

Caros irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje celebramos a festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José. O Evangelho no-la mostra no templo de Jerusalém, para a apresentação do Menino ao Senhor (cf. *Lc* 2, 22-40). Chega ao templo onde leva como presente a mais humilde e simples das ofertas entre as previstas, testemunhando a sua pobreza. Por fim, Maria recebe uma profecia: «Uma espada trespassará a tua alma» (v. 35). Chegam na pobreza e partem com uma carga de sofrimento. Isto é surpreendente: como é que a Família de Jesus, a única família da história que se pode orgulhar da presença de Deus na carne, em vez de ser rica é pobre! Em vez de ser facilitada, parece ser dificultada! Em vez de estar livre de trabalhos, está mergulhada em grandes dores!

O que diz isto às nossas famílias, este modo de viver, a história da Sagrada Família, pobre, impedida, com grandes dores? Diz-nos uma coisa muito bonita: Deus, que muitas vezes imaginamos estar para além dos problemas, veio habitar a nossa vida com os seus problemas. Salvou-nos desta forma: não veio como adulto, mas como uma criança muito pequena; viveu numa família, filho de uma mãe e de um pai; passou a maior parte do seu tempo nela, crescendo, aprendendo, numa vida feita de quotidianidade, de escondimento e de silêncio. E não evitou as dificuldades, pelo contrário, escolheu uma família, uma família “perita em sofrimento”, e diz às nossas famílias: “Se estais em dificuldade, eu sei o que sentis, também passei por isso: a minha mãe, o meu pai e eu passámos por isso, dissei-o também à vossa família: não estais sós!”.

José e Maria «estavam admirados com as coisas que se diziam de Jesus» (cf. *Lc* 2, 33), porque não pensavam que o velho Simeão e a profetisa Ana estivessem ali para dizer estas coisas. Ficaram maravilhados. E hoje quero deter-me sobre isto: sobre a capacidade de admiração. A capacidade de admiração é um segredo para nos darmos bem na família. Não nos habituarmos à normalidade das coisas. Saber, antes de mais, maravilhar-se com Deus, que nos acompanha. E depois, maravilharmo-nos em família. Penso que é bom, no casal, saber maravilhar-se com o cônjuge, por exemplo, pegando-lhe na mão e olhando-o nos olhos, à noite, durante alguns momentos, com ternura: a maravilha leva-nos à ternura, sempre. A ternura no casamento é bela. E depois, maravilhar-se com o milagre da vida, dos filhos, encontrar tempo para brincar com eles e para os ouvir. Pergunto-vos, pais e mães: encontrais tempo para brincar com os vossos filhos? Para os levar a passear? Ontem ouvi uma pessoa ao telefone e perguntei-lhe: “Onde estás?” – “Estou na praça, levei os meus filhos a passear”. Esta é uma bonita paternidade e maternidade. E depois, maravilharmo-nos com a sabedoria dos avós. Muitas vezes, excluimos da vida os avós. Não, os avós são fontes de sabedoria. Aprendamos a maravilhar-nos com a sabedoria dos avós, com a sua história. Avós que restituem a vida ao essencial. E no final admirar-se com a sua própria história de amor - cada um de nós tem a sua: o Senhor fez-nos caminhar no amor, maravilhar-se com isso. A nossa vida tem certamente os seus aspetos negativos, mas admirar-se também com a bondade de Deus que caminha connosco, mesmo sendo nós tão inexperientes.

Que Maria, Rainha da família, nos ajude a admirar-nos: peçamos hoje a graça da admiração. Que Nossa Senhora nos ajude a maravilhar-nos todos os dias com a bondade e a sabermos ensinar aos outros a beleza do assombro.